

MFC Editora

LIVROS DE FORMAÇÃO CRISTÃ PARA A FAMÍLIA



"O Assunto é Casamento"

Manual para agentes de pastoral



"Amor e Casamento"

Livro para os que vão se casar



"Coleção Fato e Razão"

Coletâneas de artigos variados



"Ponto de Partida"

Temário de iniciação para grupos



"Um Passo Adiante"

Temário de formação para grupos



"Os Pés na Terra"

Temário para grupos de famílias

LIVRARIA MFC

RUA ESPÍRITO SANTO 1059 / 1109 – 30160-922 BELO HORIZONTE – MG
PEDIDOS POR CARTA OU TELEFONE: (031) 273-8842



39

fato
e razão

"O povo faz a nação: participe!"

MFC – MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Recado ao leitor

Neste número da sua coleção, caro leitor, você vai saborear alguns deliciosos artigos e poemas sobre o amor.

É claro que *fato e razão* está sempre procurando interpretar e desocultar os interesses e intenções que estão por trás dos acontecimentos socio-políticos, econômicos e eclesiás. Porque é assim que se desenvolve a consciência crítica, num processo que dura toda uma vida.

Os graves problemas que afetam a maioria das famílias brasileiras não podem ser ignorados ou esquecidos. É preciso estarmos sempre atentos para não perder de vista o compromisso cristão com a humanização dos que são desumanizados por um processo cruel de exclusão social.

Mas o compromisso com a transformação da sociedade não exclui, ao contrário, supõe a alegria e o prazer de amar, viver e desfrutar o que de bom a vida oferece.

Muitos movimentos políticos corajosos, em que se engajaram homens e mulheres dispostos a dar a vida por um projeto social revolucionário, acabaram fracassando, porque o ardor e a dureza do engajamento na luta não deixou espaço para a afetividade.

Sufocados o amor, a ternura e o gesto de carinho, desprezados o prazer e a alegria como se fossem pura alienação, o mais valente guerreiro se torna frágil e inútil.

Esperamos que este número que chega agora às suas mãos lhe ofereça uma boa dose de alegria e prazer, amável leitor, para que na luta cotidiana você "seja duro mas sem perder a ternura jamais" (Che).

H. & S. A.



Credo, 2

Editorial

O papa, Deus e o poder, 5

Marcelo Barros

Quem sou? 8

Rubem Alves

Namorar, 12

Arthur da Távola

Amor e paixão são atos revolucionários, 15

Jurandir Andrade

Trabalho e família, 19

Helio e Selma Amorim

Para viver um grande amor, 22

Vinícius de Moraes

Poema, 25

Beatriz Reis

Pais, filhos e limites, 26

Paulo Bonfatti

Cimeira e cumeiras, 28

Equipe de Redação

Tempo de amor, 32

Vera Filgueiras

A estação da nossa liberdade, 34

Marcelo Barros

Dívida externa e jubileu, 36

Walter Altmann

O fato, a foto, a razão, 41

Adeus às armas, 42

Helio Amorim

O corpo místico, 46

Frei Betto

Protagonistas da economia de Comunhão, 48

Vera Araújo

Existe saída? 51

Bernhard Häring

Não fique assim tão sério, 56

A erotização da infância, 58

Márcia Cezimbra

Razão e razão, 61

Frei Betto

Mutirão pela paz, 64

Marcelo Barros

Felicidade, 66

Mario Barboza

A arte da tolerância, 70

Frei Betto

Igreja dividida é roda quadrada? 72

Marcelo Barros

Luta pela terra, luta pela vida, 74

Ladislau Biernaski

Admirável jornalismo novo, 78

Jairo Faria Mendes

Edição MFC

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins

José Maurício e Marly Guedes

Antonio e Sebastiana Leão

José Geraldo e M. Carmo Silva

Valverde e Rosa de Barros

José Newton e Ariadna Ribeiro

Simeão e Hilda Santana

Aldemiro e Alaídes Cláudio

Maria Inês Conti Victor

Antonio e Eliane Goulart

Maria Carolina Ragone Martins

Jesuliana Nascimento Ulysses

Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis

Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF

Instituto Brasileiro da Família

Capa

"O povo faz a nação" -

Associação Brasileira de

Recursos Humanos

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109

Tel. (031) 273-8842

30160-922 Belo Horizonte - MG

Ano desta edição: 1999.



A seqüência avassaladora de denúncias confirmadas contra autoridades de todos os poderes da república em todos os seus níveis gera uma crise de credibilidade sem precedentes.

Credo

Já não sabemos em quem acreditar, fora de Deus (*Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem*) e do nosso limitado cenário de família e amizades próximas. Cai em desuso a expressão: "por ele ou ela ponho a mão no fogo". Ninguém mais se arrisca a sair queimado. A crise de credibilidade na vida pública chegou ao máximo nesses últimos meses.

Acreditávamos nos juízes. Vem o Dr. Nicolau e estraga tudo. Porque se descobre que não é um caso isolado: logo aparecem milhares de denúncias, até então reprimidas, contra sentenças milionárias vendidas, alvarás de soltura negociados, arquivamento ou desaparecimento de processos criminais mediante participação nos lucros do negócio fraudulento, superfaturamento generalizado em construções de luxuosos edifícios para instalação de tribunais, e até acertos financeiros para autorização de adoções de crianças por casais estrangeiros.

2

Editorial

Querendo crer pelo menos no Judiciário, protestávamos no passado contra a afirmação de que esse era o mais corrupto dos três poderes. Agora esse protesto se recolhe e perde a força.

Temos que brigar pela reforma do Judiciário.

No Executivo chegamos a afirmar, muitas vezes, com bastante convicção: "*podemos divergir politicamente, mas finalmente temos um governo de homens honestos*". De repente, o apartamento do ex-presidente do Banco Central é invadido por procuradores, documentos estranhos são apreendidos, começa o bombardeio dos grampos, tornam-se públicas conversas privadas de homens públicos que parecem ter interesses privados em leilões públicos. Essa salada de público-privado deixa-nos estarrecidos. Sentimos nossas mãos se queimarem pela imprudente oferta de colocá-las no fogo por alguém que agora ocupa a berlinda desconfortável.

O juiz nada quis declarar à CPI, mas garante que tudo foi feito com a maior lisura na construção de TRT-SP. Depois apareceram as ligações telefônicas grampeadas para os escalões mais importantes dos três poderes.



metade dos membros da própria CPI tinha recebido importantes doações de bancos, mas afirmaram todos que essa delicadeza dos banqueiros não influenciaria seu ardor investigatório. E lá estão. Quem ousaria duvidar? Não se falou mais nisso porque é grande o número dos parlamentares que têm a mesma folha corrida.

Mas o que não poderia persistir é o corporativismo no parlamento. A recusa sistemática aos pedidos licença para processar deputados e senadores indiciados em investigações de crimes comuns liquida com a credibilidade do Legislativo. Já se sabe que alguns criminosos gastam parte do dinheiro de seus golpes para se eleger e ficarem assim protegidos pela insustentável imunidade parlamentar, inventada para outro fim. Os pedidos da Justiça se arrastam por

3

A recusa sistemática aos pedidos licença para processar parlamentares iniciados em investigações de crimes comuns liquida com a credibilidade do Legislativo.

anos e acabam julgados às pressas, resultando, como recentemente, em negativas aprovadas de roldão, por simples corporativismo, alimentado pelo medo de o feitiço virar contra o feiticeiro, já que há muitos rabos presos.

Dizem que nas vésperas das votações de licenças para processar parlamentares, os telefonemas anônimos não param, lembrando aspectos pouco edificantes do passado dos que amanhã terão que votar.

É claro: existem casos tão chocantes que não há como deixar de condenar o criminoso infiltrado

na corporação. O coronel matador, que chefia o tráfico e os grupos de extermínio no Acre certamente não escapará. O suplente que mandou mandar a deputada para conquistar sua vaga na Câmara foi cassado. Mas se trata de personagens "hors-concours". Ora, para ter credibilidade, o Legislativo teria que ser mais severo nessas questões e desde já acabar com essa imunidade pouco decente.

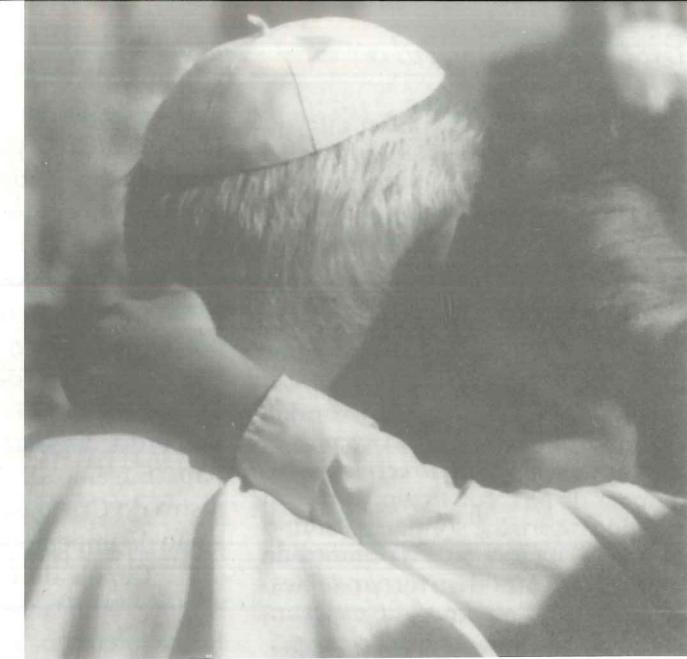
Mais difícil será exercer a liberdade de votar conscientemente, sem dobrar-se às pressões dos financiadores de suas campanhas passadas e futuras ou render-se por barganhas de verbas para obras em cidades das suas bases eleitorais. Mas isso só será possível com uma radical reforma política e a correspondente mudança nas regras do processo eleitoral.

Temos que brigar por uma reforma política verdadeiramente democrática.

Enquanto isso... o nosso credo continua reservado a Deus e aos nossos próximos mais próximos.



Você sabia? A Constituição Federal brasileira determina no Art.221: "A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I – Preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive a sua divulgação; III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família". No Art. 220, a Constituição manda "estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações que contrariem o disposto no Art. 221". O que você acha disto?



João Paulo II escreveu uma encíclica, em 1996, em que reconhece ser o principal motivo de divisão entre as igrejas. Sustenta que a organização do papado deve mudar. Para isso pede ajuda dos cristãos e de todas as pessoas de boa vontade.

O papa, Deus e o poder

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

A figura do papa faz parte do universo cotidiano do mundo. Os meios de comunicação noticiam até se ele leva um tombo. Para muitos católicos, o papa é uma espécie de

"Vice-Deus". Ao contrário, outros crentes o vêem como um Anticristo.

Em 1996, João Paulo II escreveu uma encíclica sobre a unidade dos cristãos. Nela, o papa reconhe-

Bispos do mundo inteiro, entre os quais Dom Hélder Câmara e outros brasileiros, renunciaram às insígnias de poder e assinaram um compromisso de simplicidade e pobreza.

ce ser o principal motivo de divisão entre as igrejas. Sustenta que o ministério do bispo de Roma vem do Cristo, mas a organização do papado deve mudar. Para isso pede ajuda dos cristãos e de todas as pessoas de boa vontade.

Papa era um título dos patriarcas das Igrejas antigas. No século IV, Atanázio foi papa de Alexandria, como Cirilo o foi de Jerusalém. Desde os primeiros tempos, a Igreja de Roma teve a função de servir à unidade das Igrejas, mas entre seus bispos, o primeiro a receber o título de papa foi Júlio I no século IV.

Quando o império romano se dividiu, os descendentes dos imperadores procuraram recuperar o poder através de quem pudesse unificar para eles a multidão dos povos, antes dominados. Descobriram que só a autoridade do papa reunia os povos na mesma fé. Fizeram do papa o sucessor dos imperadores de Roma, para a glória de Deus. Conforme uma lenda, o im-

perador Constantino teria entregue ao papa Silvestre o seu palácio, a cidade de Roma e a tiara com a tríplice coroa. O papa herdou até o título que a antiga religião pagã dava ao imperador: "Sumo Pontífice". Durante a Idade Média, tornou-se senhor feudal com servos e exércitos. No começo do segundo milênio, o papa Gregório VII se torna chefe universal de toda a Igreja. Menos de um século depois, São Bernardo de Claraval escreve ao papa Eugênio III: "Volta a ser ministro do Cristo, sucessor de Pedro e não do imperador Constantino".

Depois de uma história nem sempre edificante; no século XX, Roma ofereceu à humanidade alguns papas veneráveis. João XXIII mereceu a admiração de cristãos e judeus, crentes e ateus. Paulo VI foi recebido na ONU como "perito em humanidade" e João Paulo II viajou pelo mundo reunindo multidões, admiradas com sua força moral.

Nos últimos anos, teólogos de várias Igrejas têm publicado propostas sobre o ministério do papa. Reconhecem o valor de uma autoridade que exerce um primado de amor entre todos os bispos e pastores e aceitam que essa função seja exercida pelo bispo de Roma. É uma missão própria, não desligada do sínodo dos bispos, nem acima das igrejas locais. No século III, São Cipriano, bispo de Cartago, escreveu a Estêvão, bispo de Roma: "Você preside à unidade das Igrejas, mas não é um super-bispo".

Há quase 40 anos, o Concílio Vaticano II ensinava que a Igreja é

Deus convida as Igrejas a serem amostras do que todo mundo deve ser: comunidades verdadeiramente humanas, constituída por irmãos e irmãs, iguais em direitos e diferentes no modo de ser e no serviço que realizam para o bem de todos.

Cada comunidade de fé, em união com as igrejas de todo o mundo. O importante é a Igreja particular, coordenada por seu pastor. A Igreja deve organizar-se pela comunhão e serviço.

- ❖ Conhecíamos a origem do papado, como o autor nos apresenta?
- ❖ Como cristãos laicos, o que nos parece que poderia ser melhor na estrutura de governo da Igreja?

Bispos do mundo inteiro, entre os quais Dom Hélder Câmara e outros brasileiros, renunciaram às insígnias de poder e assinaram um compromisso de simplicidade e pobreza. O mundo precisa de pastores e profetas que testemunhem o rosto de Deus como Jesus revelou: um Deus que não se manifesta pelo poder e sim pelo amor e abertura ao outro, principalmente ao mais pobre e excluído.

Deus convida as Igrejas a serem amostras do que todo mundo deve ser: comunidades verdadeiramente humanas, constituída por irmãos e irmãs, iguais em direitos e diferentes no modo de ser e no serviço que realizam para o bem de todos.

MARCELO BARROS, monge beneditino e escritor, tem 23 livros publicados, dos quais o romance "A noite do Maracá" (Edit. UCG - Rede). Fax: 062-372 11 35. Email: mostanun@cultura..com.br

Para transmitir com simplicidade a nossa fé aos nossos filhos:

"Descomplicando a fé"

de Helio Amorim
Paulus Editora

126 páginas - R\$ 7,50 - Pedidos à Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109 - 30160-922 Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 273-8842

Quem sou?

Rubem Alves
Escritor, psicanalista

Quem sou eu? Sei que eu sou muitos. Quem me ensinou isso foi um Demônio velho, o mesmo que ensinou psicologia a Jesus. Quando Jesus perguntou "Qual o seu nome?", ele respondeu, numa mistura de verdade e gozação: "Meu nome é Legião, porque somos." Coisa maluca: o "eu", singular na gramática, é plural na psicologia.

Eu sou muitos. Tem-se a impressão de que se trata da mesma pessoa porque o corpo é o mesmo. De fato o corpo é um. Mas os "eus" que moram nele são muitos.

Sabemos que são muitos por causa da música que cada um toca. A letra não importa. Pode até ser que a letra seja a mesma. O que faz a diferença é a música. Cada "eu" toca uma música diferente, com instrumento diferente: oboé, violino, tímpano, prato, trombone. Cada "eu" toca o que lhe dá na telha. Como no filme *Ensaio de orquestra*. Esqueci-me do nome do diretor: terá sido o Felinni? Merece ser visto.

Por vezes os "eus" se odeiam. Muitos suicídios poderiam ser

explicados como assassinatos: um "eu" não gosta da música do outro e o mata.

Foi o caso de um primo meu. Quando tínhamos sete anos de idade e brincávamos de soldadinhos de chumbo, ele já estava fazendo um dicionário comparativo de quatro línguas: português, inglês, francês e alemão. Quando tirava 98 na prova, ele batia com a mão na testa e dizia, arrasado: "Fracassei". O "eu" que batia na testa era o "eu" que não suportava não ser perfeito. O "eu" que levava o tapa na testa era o "eu" que não havia conseguido tirar 100 na prova. Um dia o primeiro "eu" se cansou de dar tapas na testa do segundo "eu". Adotou medida definitiva. Obrigou-o a lançar-se pela janela do 17º andar.

O português correto diz "Eu sou"... Sujeito singular; verbo no singular. Mas quem aprendeu de Sócrates, quem se conhece a si mesmo, sabe que a alma não coincide com a gramática. A alma diz: "Eu somos". E diz bem. Pergunto-me: "Qual dos muitos 'eus' eu sou eu?".

Albert Camus declara, no seu livro *O homem em revolta*, que o homem é o único ser que se recusa a ser o que ele é.

Essa afirmação encontra uma ilustração perfeita num incidente banal, descrito por Barthes no seu livro *A câmara clara*. "A partir do momento que me sinto olhado pela objetiva da câmara fotográfica, tudo muda: ponho-me a 'posar', fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseando-me antecipadamente em imagem".

Olho para a foto. Sofro. O fotógrafo me pegou distraído. Não saí bem. Não me reconheço naquela imagem. Sou muito mais bonito. Sofro mais ainda quando os amigos confirmam: "Como você saiu bem!" O que eles disseram é que sou daquele jeito mesmo. Não posso reclamar do fotógrafo. Reclamo de meu próprio corpo. Recuso-me a ser daquele jeito. É preciso ficar atento. Que não me fotografem desprevenido. Se me perceber sendo fotografado, farei pose. A pose é o sutil movimento que faço com o corpo no intuito de fazê-lo coincidir com a escorregadia imagem que amo e que me escapa. A imagem que amo está fora do corpo. Recuso-me a ser minha imagem desprevenida. É preciso o movimento da pose para coincidir com ela. Quero ser uma imagem bela.

O mito de Narciso conta a verdade sobre os homens. Narciso aceitou morrer para não se separar

da bela imagem sua. Aquele que, como Narciso, vive a coincidência da imagem real com a imagem amada não precisa fazer pose. Está pronto para morrer. A morte eternaliza a imagem.

Dizem os religiosos que a existência humana se justifica moralmente. Deus deseja que sejamos bons. Discordo. A existência humana se justifica esteticamente. Somos destinados à beleza. Deus, Criador, buscou em primeiro lugar a beleza. O Paraíso é a consumação da beleza. Deus olhava para o jardim e se alagrava: era belo! No Paraíso não havia ética ou moral. Só havia estética. Os santos que a Igreja canonizou por causa da sua bondade eram movidos pelo desejo de que, por sua bondade, Deus os achasse belos. A beleza gera a bondade. Quando nos sentimos feios somos possuídos pela inveja e por desejos de vingança. Invejoso e vingadores são pessoas que sofrem por se sentirem feias.

Beleza não é coisa física. Não pode ser fotografada. É a música que sai do corpo. Nisso somos iguais aos poemas. Um poema, segundo Fernando Pessoa, são palavras por cujos interstícios se ouve uma melodia tão bela que faz chorar. A beleza do poema não se encontra naquilo que ele é, mas precisamente naquilo que ele não é: o não dito onde a música nasce.

De todos os "eus", qual deles eu sou? Eu sou o rosto belo. É esse que eu amo – precisamente o que

escorrega e tento capturá-lo na pose! Porque esse é o "eu" que eu amo, esse é o "eu" que o meu amore lege como meu verdadeiro "eu". Os outros "eus" são intrusos, demônios que me habitam e que também dizem "eu". E ainda há quem duvide da existência dos demônios! Como duvidar? Se eles moram em mim, se apossam do meu corpo e me fazem feio – mau! Se, nos momentos em que se apossam do meu rosto, eu visse minha imagem refletida num espelho, talvez morresse de horror ou quebrasse o espelho.

Bom seria que eu não mais me lembresse desse outro que sou e do seu rosto deformado. Mas a memória não deixa. Ela coloca diante de mim o outro rosto que não quero ser. Como na novela *O retrato de Dorian Gray*. Ao fazer isso a memória destrói a magia da "pose": ela não permite que eu me engane.

Alberto Caeiro sabia da残酷 da memória: quando me lembro de como uma coisa foi, meus olhos não conseguemvê-la tal como é, agora: "A recordação é uma traição à Natureza. / Porque a Natureza de ontem não é Natureza. / O que foi não é nada, e lembrar não é ver." A cada dia somos novos. Mas a memória do que fui ontem estraga a novidade do ser. Ah! Que bom seria se fôssemos como os pássaros: "Antes o vôo da ave, que passa e não deixa rastro, / Que a passagem do animal, que fica lembrada no

chão. / A ave passa e esquece, e assim deve ser. / O animal, onde já não está e por isso de nada serve, / Mostra que já esteve, o que não serve para nada." Pelo rastro se reconhece o animal. A memória é o rastro que deixamos no chão.

Brigas de casas são exercícios de memória. Dizem que estão brigando por isso ou por aquilo. Mentira. Brigam sempre pelos rastos. Invocam os rastos, aquilo que fui ontem para destruir o belo rosto que amo. Não adianta que hoje eu seja uma ave. "Você me diz que é uma ave? Mas esses rastos me dizem que ontem você foi um macaco... Sua pose não me engana...".

Perdoar é esquecer. Deus é esquecimento. Quando ele perdoa os rastos desaparecem. Perdoar é apagar da memória o rastro/rosto deformado de ontem. "Aprecio a tua presença só com os olhos. / Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la, / Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez, / E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar."



Sabedoria.

Um discípulo perguntou a Confúcio: "O senhor deve ter se instruído com a leitura de muitos livros para alcançar tanta sabedoria".

O mestre respondeu:

"Pelo contrário. O que aconteceu é que encontrei o fio da meada".

"Te conheço...", diz um para o outro. "Minha memória diz quem tu és. Te conheço – nunca te verei pela primeira vez. Teu rosto, eu o conheço como a soma dos teus rastos...". Aqui termina uma estória de amor porque o amor só sobrevive onde há o perdão do esquecimento.

Somos Narciso. Estamos à procura de olhos nos quais nossa imagem bela apareça refletida. Queremos ser belos. Se fômos belos, seremos bons.

*Se você tem três pretendentes,
dois paqueras, um envolvimento
e dois amantes, mesmo assim
pode estar sem namorado.*

Namorar

Arthur da Távola
Senador e escritor

Quem não tem namorado tirou férias do melhor de si. Namorado é a mais difícil das conquistas. Necessita de adivinhação, pele, saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão, é fácil! Namorado não precisa ser o mais bonito e sim quem se quer proteger, mas quando chega, a gente treme, basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição.

Se você tem três pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes, mesmo assim pode estar sem namorado.

Quem não tem namorado não é quem não tem amor: é quem não sabe o gosto de namorar.

Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, de sessão das duas, de medo do pai, de sanduíche de padaria ou drible no trabalho.

Não tem namorado quem transa sem carinho ou se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa; quem ama sem alegria.

Não tem namorado quem faz pactos de amor apenas com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de durar.

Não tem namorado quem não sabe o valor de olhar encabulado; de carinho escondido ou flor catada no alto do muro e entregue de repente; de gargalhada, quando fala ao mesmo tempo ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico, bugre ou no foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de fazer sesta abraçado e comprar roupa junto.

Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor e de ficar horas olhando o outro, abobalhado de lucidez.

Não tem namorado quem não tem música secreta, quem não dedica livros, quem não recorta artigos e não se chateia com o fato do seu bem ser paquerado.



Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor e de ficar horas olhando o outro, abobalhado de lucidez.

Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia do dia de sol em plena praia cheia de rivais.

Não tem namorado quem ama sem se dedicar; quem namora sem brincar; quem vive cheio de obrigações e quem só pensa em ganhar.

Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e tem medo de mostrar que se emocionou.

Se você não tem namorado é porque ainda não descobriu que amar é alegre!

Enfeite-se com margaridas e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim.

Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fadas. Ande como se o chão soasse a flauta e do céu baixasse uma névoa de borboletas, co-

Se você não tem namorado é porque ainda não descobriu que amar é alegre!

- ❖ Quem concorda? E quem não gosta destas idéias sobre o namoro? Por que concorda? Em que discorda?
- ❖ A gente conhece quem pensa que está namorando e não está? O que é que às vezes parece namoro e não é? Por que?

bertas de frases sutis e palavras de galanteria.

Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouco necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido. *Enloucresça*.

Estamos perdendo o hábito de ler... e reler.

Quem não lê perde muito. Quem não relê perde outro tanto.

Atentem bem que estou usando reler como ler de novo e não para uma nova interpretação do que foi lido. Como a leitura é uma maneira de aprender, se relemos a mesma leitura aprendemos mais...

Hoje se corre tanto, se fazem leituras dinâmicas, tão rápidas, que não apreendemos muitas vezes toda a riqueza contida no que lemos.

Experimente ler novamente seus apontamentos, reler livros, revistas, jornais, boletins e até atas de reuniões passadas. Você vai ficar surpreso com a quantidade de coisas que deixou passar na primeira leitura. (Lula, MFC Nova Iguaçu).

Fume!

Um raro prazer...

...talvez o último, antes do diagnóstico.



É impossível falarmos do nosso Eu desvinculados de todo um contexto de afetividade, de sexualidade, de sociabilidade. Precisamos perceber-nos integralmente, livres de uma percepção esquizofrênica. Somos dois lados, o de dentro e o de fora. Os dois lados juntos, a soma dos dois é a nossa identidade, o nosso Eu.

Amor e paixão são atos revolucionários

Jurandir Andrade
Psicólogo

Somos, certamente, arte inacabada. Inicialmente, o pincel que dá formas e cores ao nosso retrato está nas mãos dos adultos e vivemos muito tempo sem a possibilidade de nos autoretratarmos. Nossa desejo mais primário é o de ser amado, desejo insaciável de atenção, de cuidado, de afeto, de ao menos um olhar que nos faça sentir mais vivos.

Este ideal de ser notado e aceito nos leva a correspondermos a uma enorme soma de expectativas do outro; nos tornamos bonzinhos e obedientes. Somos subtilmente moldados em troca de estima condicionada. Construímos identificações desde o inicio da

nossa vida e quanto mais estivermos presos a essas identificações mais afastados estaremos do nosso próprio desejo (Eu).

O problema da identificação é que internalizamos imagens e nos tornamos reflexo de outras pessoas. A identificação dessa forma é sinônimo de alienação, pois a pessoa torna-se mais cópia que original e extremamente dependente. A primeira e a maior base das identificações é a família. Freud concebia a família como grupo disciplinador dos instintos biologicamente fixos da criança, uma instituição repressora da espontaneidade e do crescimento criativo. É por isso que repetimos na vida adulta as irracio-

Este ideal de ser notado e aceito nos leva a correspondermos a uma enorme soma de expectativas do outro; nos tornamos bonzinhos e obedientes. Somos sutilmente moldados em troca de estima condicionada.

nalidades adquiridas na família, porque temos uma grande dificuldade em transcendermos a experiência infantil da repressão.

Rubem Alves escreveu no texto "O Terror do Espelho" que "a experiência suprema de horror é quando diante do espelho não vemos rosto algum, apenas os rostos dos outros. Os outros pedem que não sejamos o que somos, que sejamos só o que eles desejam. Só máscaras. E ficamos sem rosto".

Precisamos urgentemente mergulhar no íntimo dos nossos desejos e emergirmos como realmente somos. Qual de nós não se descobre todos os dias conversando quando está sozinho? É que somos mais de um. Nós temos em nosso interior um sócio que nos habita e que muitas vezes desconhecemos. Esse outro, que nos torna geneticamente sociais, é o nosso desejo. A construção desse outro é, portanto, *sui generis* para cada ser humano.

Ou seja, não apresenta analogia com a construção do desejo de nenhuma outra pessoa.

Por falar em construção do desejo, como encaramos nosso corpo? Talvez tenhamos dificuldade até de nos conhecer externamente, pois ficamos ruborizados até com a nossa própria nudez. Não nos permitimos olhar estatura, formas, sinais e não aceitamos nem mesmo as rugas do nosso rosto. Mesmo um bom espelho não nos ajuda muito a vermos como são nossas costas, o que faz-nos precisar ainda mais de um(a) companheiro(a) que nos ajude a perceber-nos melhor, a partir de um outro ponto de vista. Um aviso para quem persistir em se perceber apenas através de espelhos: cuidado com os espelhos manchados, quebrados, embaçados, ofuscados: eles podem distorcer demasiadamente quem somos.

Esquecendo o mundo dos espelhos, voltamos à pergunta: como percebemos o nosso corpo? Permitimos nos tocar, sentir a nossa pele, conhecer os limites do nosso corpo? Creio que os limites da nossa experiência definem os limites do nosso corpo. E não foi por acaso que Nietzsche batizou o corpo com o nome de "Grande Razão", mas por oposição àquela razão pequena e acessória que parece residir dentro da caixa crâniana. Como é nosso corpo, o que sente, como reage e o que expressa? Nós temos posturas e imposturas, como fingimentos, simulações, falsidades e hipocrisias. No livro "A linguagem dos sentimentos", David Viscott diz que

Não abraçamos o que somos, por isso nos é difícil abraçar o outro. Afinal, em que estamos nos tornando? Em números, produtores moldados pela ideologia dominante, úteis à sociedade, racionalizados, insensíveis, sem intenções sem disposições íntimas, sem paixões

"estar em contato com nossos sentimentos é a única maneira de nos tornarmos abertos e livres. A única maneira pela qual poderemos ser o melhor de nós mesmos, sermos nós mesmos. Encarar o mundo de modo intelectual é diferente de senti-lo, assim como estudar um país mediante um livro de geografia é diferente de viver nele. Os sentimentos são a maneira como nos percebemos. São nossa reação ao mundo que nos circunda. São a

maneira pela qual percebemos que estamos vivos".

Nosso corpo, muitas vezes, está preso em teias que regulam os nossos sentimentos e pensamentos, não nos permitindo realizar nenhuma experiência de prazer. Ali, imobilizado, nosso Eu adormece e morremos um pouco a cada dia. Só uma experiência de amor pode acordar o nosso Eu adormecido. Quantos beijos nos permitimos dar

Somente os apaixonados sabem viver intensamente, sabem o sentido da vida e sentem o sabor de perceberem e expressarem o que realmente são.

e receber nos sentindo beijando e beijados?

Não podemos ser definidos apenas pela função. É preciso libertarmos o ser apaixonado que existe em nós, pois somos vocacionados à arte de amar. Se continuarmos a distorcer nossa própria imagem, poderemos criar um quebra-cabeças que dificilmente será montado. Enfim, a percepção que temos de nós mesmos está intimamente ligada à nossa paixão pela

- ❖ O que nos tem suscitado a leitura deste artigo?
- ❖ Podemos afirmar que somos realmente livres para ser nós mesmos?
- ❖ É verdade que condicionamentos da nossa infância ainda influem na nossa maneira de ser e agir, nos nossos comportamentos e desejos?
- ❖ O que hoje mais dificulta a construção da nossa própria identidade?
- ❖ É possível amar verdadeiramente se não somos capazes de ser nós mesmos?



Salvemos a sexualidade. A profusão de ofertas de estímulos eróticos e pornografia vai acabar esvaziando o impulso sexual de homens e mulheres... São centenas de revistas, vídeos, programas de TV, internet, é a erotização desenfreada. Mas já há sinais preocupantes: ninguém mais pára nas bancas de revistas que exibem material erótico. Cartazes oferecem promoções para tentar vender a preços irrisórios o encalhe que já não desperta mais interesse. "Compre uma, leve três". Isto vai acabar em castração mental generalizada. Que pena!... (H.A.)

vida. E aqui, não queremos definir o que é a vida, pois cada um de nós que a vivemos, uns mais intensamente, outros indiferentemente, construímos os nossos próprios conceitos ou nos carregamos de preconceitos. Já dizia Camus que o único problema filosófico realmente sério é "julgar se a vida é digna ou não de ser vivida". Bem aventureiros os apaixonados, pois eles herdarão o coração da terra e serão eternos semeadores da esperança. Somente atos de amor e paixão são atos revolucionários. Somente os apaixonados sabem viver intensamente, sabem o sentido da vida e sentem o sabor de perceberem e expressarem o que realmente são.

Jurandir Andrade é psicólogo no Serviço de Psicopedagogia da Secretaria de Educação de Paulista, em Pernambuco, e coordenador do Serviço de Orientação Religiosa do Colégio Marista de Recife. Tel (081) 968-1183/437-2635, e-mail: jurandir@hotmail.com.br.

Pode-se afirmar sem dúvida que um modelo de sociedade ou uma política econômica que geram desemprego e baixos salários são contrários ao projeto de Deus.

Trabalho e família

Selma e Helio Amorim
Editores de Fato e Razão

Esses impulsos com que Deus nos impele para a humanização são vários e bem conhecidos.

Começam pelo impulso de viver, e viver bem, dignamente, buscando sempre melhor qualidade de vida. Não corresponde ao Reino anunciado que tantos passem fome, sofram enfermidades sem encontrar tratamento, não tenham teto para morar.

Seguem os impulsos para a relação entre pessoas, o impulso de socialização, de integração a um grupo, a uma comunidade, a um povo. Não somos ilhas. A solidão não humaniza. O individualismo embrutece as pessoas. Somente a solidariedade, a vivência da amizade e do amor, as relações humanas profundas humanizam. Se se casam, esse relacionamento interpessoal homem-mulher se realiza ainda mais intensamente, humanizando e encontrando resposta para o impulso de criar vida.

Todo homem ou mulher tem direito a um trabalho digno e estável, remunerado com justiça, condição para a sua plena humanização.

Lá está também, no íntimo do nosso ser, o impulso de construção da própria identidade: não queremos ser cópia de ninguém, reflexo de outros. Cada um quer e deve ser ele ou ela mesmos. É uma faceta importante da humanização querida por Deus.

Não se pode aceitar que os pais pretendam modelar seus filhos, para serem a realização dos seus desejos, ou cópias deles próprios. Ao contrário, estimulá-los a serem eles mesmos, com personalidade própria e original, mesmo que isto às vezes não lhes agrade. Tampouco se pode aceitar a dominação do homem sobre mulher e vice-versa, para tentar modelar o parceiro ou parceira segundo os seus sonhos.

Chegamos então ao impulso de realização pessoal. Cada um de nós desenvolve talentos e sente uma forte vocação para realizar coisas em sua vida. Sentimos inclinações para determinadas atividades sociais ou artísticas, para o exercício de alguma profissão, para a realização de alguma missão ou de serviço aos outros. Esses impulsos devem ser realizados, ainda que imperfeitamente. Não podem ser castrados.

A frustração de vocações e talentos sufocados são causa freqüente de desequilíbrios psicológicos, às vezes graves. As pessoas que não conseguem realizar sua vocação são quase sempre pessoas tristes, infelizes, não se sentem humanizadas. Por isso, não se pode aceitar que pais imponham carreiras profissionais para seus filhos ou os convençam de sufocar talentos, talvez porque resultem em práticas profissionais pouco rendosas ou mal remuneradas.

Aqui aparece o impulso para o trabalho humano. É um direito universalmente reconhecido. Todo homem ou mulher tem direito a um trabalho digno e estável, remunerado com justiça, condição para a sua plena humanização. Se esse trabalho é o que lhe rende o necessário para o próprio sustento e o da sua família, maior é esse direito.

Por exercer uma atividade profissional digna, que corresponda ao seu talento e vocação, obtendo com essa atividade a remuneração com que sustenta a sua família, homens e mulheres encontram respostas ao impulso de realização pessoal e se sentem humanizados. As relações harmoniosas na família dependem, em grande parte, dessa situação bem resolvida.

Infelizmente, não é o que está acontecendo para muitos. O desemprego crescente em nosso país e no mundo está causando estragos profundos nas famílias. Depois de algum tempo desempregado, vendo a família passar dificuldades, o homem ou a mulher tendem a perder

O trabalho, ainda que pesado e desconfortável, é condição para a humanização, mais além da simples necessidade do justo salário para a sobrevivência.



novos empregos ou possibilidades de trabalho e renda.

Afirmar que isto cabe aos políticos e que a Igreja nada tem a ver com política é um erro já superado há muito tempo. Na verdade, individualmente, como cristãos, e coletivamente, como Igreja, temos que estar fortemente engajados em diferentes formas de fazer política com vistas a que se faça a vontade de Deus, "aqui na terra, como no céu". E hoje, uma das prioridades mais urgentes é o direito ao trabalho, remunerado com justiça.

- *Como vivem as famílias que conhecemos? O desemprego está presente? Há medo de desemprego?*
- *Quais as causas do desemprego crescente, no Brasil e no mundo?*
- *que podemos fazer para apoiar concretamente as famílias atingidas pelo desemprego? Como podemos atuar para combater as causas do desemprego?*
- *A que organizações da Igreja e da sociedade podemos nos juntar para ter voz?*



"Afirmar que o que você acaba de dizer é "palavra de honra" é reconhecer que as outras não o são". (Millôr Fernandes).

Recordando o poeta que tanto cantou o amor: "Pois quem trai seu amor por vanidade é desconhecedor da liberdade, dessa imensa, indizível liberdade que traz um só amor".

Para viver um grande amor

Vinícius de Moraes

Para viver um grande amor, preciso é muito concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só mulher; pois ser de muitas, poxa! é de colher ... – não tem nenhum valor.

Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavaleiro e ser de sua dama por inteiro – seja lá como for. Há que fazer do corpo uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se de fora com uma espada – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, vos digo, é preciso atenção com o "velho amigo" que, porque é só, vos quer sempre consigo, para iludir o grande amor. É preciso muitíssimo cuidado com quem quer que não esteja apaixonado,

pois quem não está, está sempre preparado para chatear o grande amor.

Para viver um grande amor, na realidade, há que compenetrar-se da verdade de que não existe amor sem fieldade – para viver um grande amor. Pois quem trai seu amor por vanidade é desconhecedor da liberdade, dessa imensa, indizível liberdade que traz um só amor.

Para viver um grande amor, il faut, além de ser fiel, ser bem conhecedor de arte culinária e de judô – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas bom sujeito; é preciso também ter muito peito – peito de remador. É preciso olhar sempre a bem-amada como a sua primeira namorada e sua viúva também, amortalhada no seu finado amor.



É preciso muitíssimo cuidado com quem quer que não esteja apaixonado, pois quem não está, está sempre preparado para chatear o grande amor.

É muito necessário ter em vista um crédito de rosas no florista – muito mais, muito mais que na modista! – para aprazer ao grande amor.

Pois do que o grande amor quer saber mesmo, é de amor, é de amor, de amor a esmo; depois, um tutuzinho com torresmo conta ponto a favor...

Conta ponto saber fazer coisinhas: ovos mexidos,

camarões, sopinhas, molhos, estrogonofes – comidinhas para depois do amor. E o que há de melhor que ir pra cozinha e preparar com amor uma galinha com uma rica e gostosa farofinha, para o seu grande amor?

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver

É muito necessário ter em vista um crédito de rosas no florista – muito mais, muito mais que na modista! – para aprazer ao grande amor.

sempre junto e até ser, se possível, um só defunto – para não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer “baixo” seu, a amada sente – e

esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês sem cortesia; doce e conciliador sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia – para viver um grande amor.

É preciso saber tomar uísque (com o mau bebedor nunca se arrisque!) e ser impermeável ao diz-que-diz-que – que não quer nada com o amor.

Mas tudo isso não adianta nada, se nesta selva escura e desvairada não se souber achar a bem-amada – para viver um grande amor.

O que é ser socialista. Em palestra sobre "Desemprego e Solidariedade", tema da Campanha da Fraternidade de 1999, frei Betto se definiu um socialista "porque sou cristão".

Ao seu ver, todo sacerdote prega o socialismo na hora da celebração da eucaristia, ao dizer que "o pão e o vinho representam os frutos da terra e do trabalho do homem, que serão repartidos entre todos".

Em entrevista exclusiva para Katherine Funke, da revista virtual do curso de Jornalismo do Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina (Ielusc), frei Betto disse que a imprensa existe para "informar e formar, e não para deformar". Para os egressos do Jornalismo ele recomenda "não ficarem presos à ambição de se tornarem profissionais dos grande meios de comunicação", apontando para uma infinidade de novos campos, desde o jornalismo sindical, dos movimentos sociais, das emissoras de rádio e televisões comunitárias.

Na pauta da mídia, a Igreja em geral é assunto de pouco interesse, assinalou. "Tanto que grandes veículos da imprensa, como a Folha de São Paulo, as revistas IstoÉ e Veja já tiveram editoria de Religião e hoje não têm mais".

Sobre o ecumenismo, frei Betto entende que ele está crescendo muito nas bases, mas ainda é preciso avançar mais. "O ecumenismo não atingiu, não envolveu as religiões não-cristãs, como a judaica, as afro-brasileiras. Então, é preciso ampliar mais o leque ecumênico. Nós ainda estamos engatinhando nisso", afirmou.

Poema

Beatriz Reis

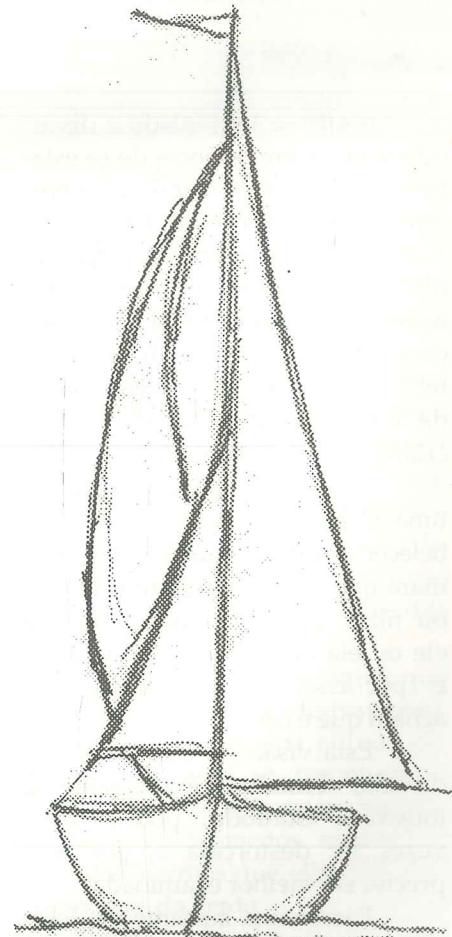
**Lá vai meu barco
deixando pra trás
limites e sonhos,
razão dos meus dias.**

**Lá vai o meu barco
carregando consigo
cantos de esperança
dos homens irmãos**

**Lá vai o meu barco
buscando, na noite
a face da vida
que um dia entrei.**

**Lá vai o meu barco
sem vela sem rumo
procurando no céu
a estrela da manhã.**

**Lá vai o meu barco
deixando pra trás
o espaço e o tempo
para ancorar seu medo
no coração do mundo
na fonte da vida
no nascer do amor.**



Não é raro observarmos o sentimento de abandono nos filhos de pais que não se preocupam em exigir atitudes e cumprimento de regras e normas familiares, sociais ou escolares.

Pais, filhos e limites

Paulo Bonfatti
Psicólogo

Muito se tem falado e discutido sobre a importância de se estabelecerem limites para os filhos. Infelizmente essas considerações só acontecem geralmente quando os filhos demonstram atitudes condenáveis do ponto de vista dos pais e da sociedade. "Isso é falta de limite!" – é o que muitos dizem, diante de uma estripulia maior de uma criança ou adolescente.

Perante a recomendação de uma possível necessidade de estabelecer limites, muitos pais afirmam que estão educando seu filho ou filha "para o mundo", ou que ele ou ela não é propriedade deles e, por isso, devem fazer o que acham que é certo.

Esta visão de mundo é, sem dúvida, bastante interessante e louvável. Contudo, pode muitas vezes ser distorcida e, por isso, precisa ser melhor examinada.

Parece-nos bastante evidente que existem atitudes das crianças e adolescentes que precisam e devem ser orientadas e corrigidas. Mas a

importância do limite vai muito além do objetivo de um "bom comportamento" do filho.

Entendemos que estabelecer limites para os filhos é bastante distinto daquilo que se entende por repressão. Pois, apesar dos protestos e ouvidos moucos, as crianças e adolescentes precisam muito de nossas referências... Por vezes, achamos que eles já são suficientemente maduros. Assim, não percebemos o quão perdidos se sentem quando lhes faltam essas referências que percebem através dos limites estabelecidos pelos pais.

Não é raro observarmos o sentimento de abandono nos filhos de pais que não se preocupam em exigir atitudes e cumprimento de regras e normas familiares, sociais ou escolares. A sensação de alívio e segurança pode ser observada nos filhos sujeitos a limites estabelecidos pelos pais. O filhos sentem uma certa tranquilidade se sabem que alguém "não permite" que façam tudo o que querem, de forma ins-

Até que ponto as restrições e normas estabelecidas são limites necessários para a sensação de segurança e tranquilidade da criança ou adolescente, e quando estarão sendo ultrapassados os limites dos limites, que então se tornam repressão castradora?

tintiva e descontrolada.

Outro aspecto interessante é observar que os pais procuram passar aos seus filhos algo diferente daquilo que experienciaram enquanto filhos que também foram. Fazem isso na expectativa de poder dar mais e melhor aos seus filhos, seja no aspecto econômico, afetivo ou educacional. É comum ouvirmos: "Com meu filho vai ser diferente!", ou "não quero que a minha filha passe pelo que passei..."

Ora, podemos observar com certa facilidade que a maioria dos pais de hoje tiveram uma educação mais rígida, fechada e até repressora. Parece então razoável que queiram ser diferentes com seus filhos. Sem dúvida, é de suma importância nos avaliarmos para não repetir velhas histórias que não deram certo. Mas não podemos nos furtar de ser pais, referência para os nossos filhos, escondendo-nos numa postura permissiva, "moderna" ou pseudo-libertadora.



É bem verdade que colocar limites é muito cansativo e chato, mais para os pais que para os filhos. Exige dos pais muita maturidade para discernir e questionar o que são preconceitos ou inseguranças pessoais e o que realmente deve ser considerado inadequado para o filho. Por outro lado, ser repressor ou permitir tudo dá muito menos trabalho, pois não gera conflitos e questionamentos. Também não resulta em libertação e crescimento pessoal tanto dos pais como dos filhos.

Lidar com limites requer que estejamos mais perto, afetivamente, de nossos filhos, numa atitude dialógica pela qual se reconheça o outro como diferente, como pessoa. Requer sermos menos egoístas e não acreditarmos que eles não precisem mais da gente.

Paulo Bonfatti é psicólogo escolar e clínico de orientação jungueana, mestre em ciência da religião

Muitas palavras e intenções belas e vagas, sem compromissos concretos para transformar essa produção intelectual em práticas efetivas: o que ficou da Cimeira foram muitas ciumeiras.

Cimeira e ciumeiras

Equipe de Redação
Fato e Razão

Parece que os Estados Unidos ficaram com ciúmes da União Europeia e os líderes políticos com ciúmes de Fidel, nesses dias da Cimeira. Como os 48 chefes de Estado reunidos no Rio de Janeiro não produziram mais que muitas palavras e intenções belas e vagas, sem compromissos concretos para transformar essa produção intelectual em práticas efetivas, o que fi-

cou da Cimeira foram essas ciumeiras.

Dos norte-americanos, que pensavam ser os senhores absolutos do seu tradicional feudo latino-americano, o ciúme tem outro nome: suspeita de infidelidade. "E o ALCA, o nosso acordo comercial continental, como é que fica?" – terão ruminado, antes de dormir. As agências internacionais de notí-

cias, quase todas baseadas nos Estados Unidos, boicotaram o noticiário da reunião, para a qual o gigante do norte, naturalmente, não foi convidado. Até as vésperas do acontecimento, nem os brasileiros sabiam do que se tratava. Os cariocas eram informados sobre os problemas de trânsito, as ruas interditadas, a reforma do Museu onde se realizariam as reuniões e outros aspectos periféricos. Por isso foram os que ainda souberam algo da Cimeira. De tanto perguntar "o quê que é isso?", muitos acabaram sabendo que era uma iniciativa dos europeus para estreitar relações comerciais com a América Latina. O Washington Post, que só informa aos americanos o que o governo deles deixa, dedicou três linhas de algum rodapé para dizer o que estava acontecendo: "apenas" meio mundo reunido no Rio.

Dos outros 47 líderes políticos, o ciúme que deve ter se instalado se deu ao foco do noticiário sobre Fidel Castro. Entrevistas, pe-

didos de autógrafo, convites para conferências, um certo *frisson* que muitos sentem ao se deparar com esse barbudo e lendário personagem – nada disto aconteceu com os outros. Por isso, a suspeita do ciúme, que Brizola confessou nas palavras que não disse. O seu comentário se limitou à constatação de que *Fidel está envelhecido, e sua voz já está fanhosa...* Isto depois das notícias dos cinco mil que não conseguiram lugar no auditório lotado da Universidade do Rio de Janeiro, onde discursou durante três horas e meia. Ou do rebulço que causou em Niterói, onde a convite do prefeito inaugurou o programa de modelo cubano, "Médico de Família", aplaudido por multidões pelas ruas e praças. Ou ainda quando atendeu ao convite dos empresários fluminenses para um diálogo no templo do capitalismo industrial do Estado: a FIRJAN. Por isso, enquanto todos os outros chefes de Estado viajavam de volta a seus países, Fidel ficou mais alguns dias



atendendo aos convites e ocupando muito espaço na mídia.

Ora, o que isto significa? Por que essa evidência constante de Fidel, onde quer que vá pelo mundo? É admirado e odiado. Para uns e outros, ora é o libertador de um povo que hoje tem saúde e educação de qualidade, ora é o tirano que domina seu povo há 40 anos. Para os opositores é um ditador que supriu as liberdades individuais e não respeita os direitos humanos. Para os outros, é o líder que implantou a verdadeira democracia distributiva num país pobre, assegurando a justa distribuição dos limitados recursos da ilha por toda a população. Então passa-se a discutir sobre o que é, de fato, democracia. Questiona-se se é democrático um país em que todos podem votar, mas sendo condicionados em sua livre escolha pela baixa escolaridade e propaganda milionária dos candidatos, ou vendendo seu voto por uma cesta básica por causa da pobreza e da fome. E se pergunta se o fantástico fosso social entre ricos e pobres de um país permite que ele seja considerado uma democracia. Ao mesmo tempo, questiona-se se aquela sociedade cubana menos desigual se justifica, se foi imposta por um processo autoritário.

A discussão não terminará nunca. Mesmo porque somos muito mal informados sobre o que se passa em Cuba. Noticiários das agências internacionais não são isentos e confiáveis. Os depoimentos de Frei Betto, D. Pedro Casaldáliga e outros que têm visitado a ilha

não coincidem com o que nos passa a mídia.

Há, sim, alguns fatos reais e consistentes a considerar numa análise isenta.

O país está empobrecido por um bloqueio econômico estúpido e genocida, imposto unilateralmente, há décadas, pelos Estados Unidos. Qualquer país que negocie com Cuba sofre imediatas sanções dos atuais xerifes do mundo. Poucos se arriscam.

Durante anos, a União Soviética, como estratégia da guerra fria, manteve um intenso comércio com Cuba, comprando a preços favorecidos a sua produção agrícola e o açúcar, garantindo os recursos para a implantação de políticas sociais importantes, especialmente nas áreas de saúde e educação.

Com a queda do Muro de Berlim e desagregação do mundo soviético, esse comércio foi suspenso, e o boicote americano passou a ter um efeito extremamente destrutivo e cruel, gerador de pobreza e portanto pecaminoso. Temos dúvidas sobre se o Brasil, ou qualquer outro país da periferia do mundo, sobreviveria por muito tempo a um boicote semelhante. Os apelos do papa para que se suspenda esse bloqueio criminoso têm sido ignorados pelos donos do planeta.

Nada obstante, os programas sociais funcionam excepcionalmente bem naquela ilha, em que salários muito baixos são compensados por educação gratuita de qualidade, em todos os níveis, e por um sistema eficiente de saúde para

todos, modelo para os nossos países. Para a recuperação de Kosovo, destruído pela Otan, Cuba ofereceu enviar por sua conta mil médicos. É um dos seus atuais produtos de exportação: uma medicina avançada e eficiente.

Creio que aí está a explicação para o destaque que se dá a Fidel Castro nesses eventos internacionais: é a identificação do comandante com David, em sua luta contra Golias. O gigante do norte impõe um bloqueio econômico desumano e feroz a um país pobre, durante longos anos, mas a ilha não afunda nem se curva. Ninguém por lá morre de fome, embora todos comam pouco. Os cubanos que foram ricos no passado perderam privilégios e até hoje se queixam ou emigraram para Miami. Aconteceu o contrário do que o papa constata nos nossos países.

Em Cuba os pobres se tornaram menos pobres à custa de ricos menos ricos... Será que há outra saída para os outros países? Haverá saídas mágicas para diminuir significativamente o abismo que separa os ricos dos pobres no Brasil sem



Fidel Castro acabou sendo a estrela do encontro de chefes de Estado na Cimeira.

que os ricos e as classes médias percam muitos dos seus privilégios?

Parece-nos, portanto, que o fascínio que esse senhor exerce se deve a ter-se tornado a imagem de um David dos nossos tempos. Talvez sem a prepotência do Golias do norte, essa imagem se já se tivesse esvaziado de sentido, e Fidel teria sido, na Cimeira, um Chirac ou Menen a mais, quase anônimos figurantes daquela reunião. (H. A.)

Uma das declarações da Cimeira firmada pelos 48 chefes de Estado

"Dar prioridade à superação da pobreza, da marginalização e da exclusão social, no contexto da promoção do desenvolvimento sustentável, bem como modificar padrões de produção e consumo, promover a conservação da diversidade biológica e do ecossistema global e o uso sustentável dos recursos naturais, prevenir e reverter a degradação ambiental, principalmente a decorrente de excessiva concentração industrial e de padrões inadequados de consumo, bem como da destruição de florestas e da erosão do solo, do esgotamento da camada de ozônio e do crescente efeito estufa, que ameaçam o clima mundial." – Quem não assinaria embaixo?

O encontro amoroso, então, se reveste da mais importante manifestação existencial do ser humano e esta condição é mediada pela comunicação não só da linguagem, como do gesto, do toque, das carícias

Tempo de Amor

Vera Filgueiras

Que bom que nosso calendário contemple um tempo para o enamoramento, onde a linguagem do amor seja a expressão das dinâmicas subjetivas das pessoas e a sensibilidade se expanda no código do afeto.

Cada novo junho estimula a vivência e demonstração explícita do impulso, cujo código de comunicação deve emitir sinais que denunciem o desejo: aquele perfume irresistível, a música que me faz viajar na imaginação, o coração que dispara e me imobiliza ao ouvir aquela voz.

Personagens que somos, a sutileza de nossos papéis sociais nem sempre favorece a plenitude e vivência de nossos desejos – expressão da sexualidade humana. Paradoxalmente, é a busca de saciar o desejo que o define; é o desconhecido, é um fogo aceso que direciona nosso sentido.

Este tempo para namorar, nos propicia a reflexão sobre esta inquietude humana: a procura infinita dessa satisfação, na perspectiva da completude, que nunca vai se realizar, pois desejo é busca, é estado de carência; desejo é ausência e, mais do que isto, é abertura para o provável, o novo, para o infinito.

Para realizar o desejo temos de tornar real o que povoa nossa imaginação, pois é pulsional sem se restringir ao biológico, não se completa no encontro com o outro, mas na percepção de ser desejado pela pessoa amada, portando admite as dimensões biológica e psíquica.

O encontro amoroso, então, se reveste da mais importante manifestação existencial do ser humano e esta condição é mediada pela comunicação não só da linguagem, como do gesto, do toque, das carícias. A busca insaciável do ser desejante pelo desejo do outro é que



Neste tempo de amor, o importante é não desvincular o sexo do afeto, o que garante a riqueza e crescimento das pessoas

impulsiona para a vida e é inegociável como ilimitáveis são nossos desejos.

Neste tempo de amor, o importante é não desvincular o sexo do afeto, o que garante a riqueza e crescimento das pessoas.

Partilhar desta aventura amorosa é oxigenar a existência e priorizar a emoção, que começa pelo olhar e se revela ilimitada na inventividade relacional do par amoroso.

A ternura do olhar, o toque de prazer, a linguagem do carinho nos possibilitam a saúde emocional e sacralizam a estrutura do amor.

Poeticamente, para os amantes e namorados, deixo minha poesia:

*De olhar doce que lê a alma
De gesto calmo e fala mansa
Prazer de carne e sentimento
Não foi acaso, feliz momento*

*Lua nua e nossos corpos
Desejando e desejados
Amando e sendo amados
Entrega, paz, paixão.*

*Sagrado encontro amoroso
Que fugindo ao racional,
transcende.
Cheiro, língua, seu sabor
Um nome, o teu, o tempo,
Amor.*

Vera Filgueiras é sexóloga e pedagoga membro fundadora do Centro de Educação Sexual (CEDUS) e do Instituto de Sexologia do Rio de Janeiro (InSexRJ).
e.mail: verafilgueiras@uol.com.br.



"De um bom elogio posso viver dois meses". (Mark Twain)

Neste ano a Páscoa foi festejada em meio a crises econômicas e guerras étnicas em várias partes do mundo: assim foi mais forte, neste tempo sofrido, o significado da esperança e libertação que celebramos nessa festa maior dos cristãos e judeus.

A estação da nossa liberdade

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Em várias partes do mundo, guerras se espalham. A realidade sócio-econômica se agrava. O desemprego e a violência aumentam. A moeda é desvalorizada e o patrimônio público sucateado é vendido ao capital estrangeiro. Aonde, então, buscar esperança e força para resistir, alívio para as angústias e para o medo do futuro? No caminho atual, haverá alguma "estação da libertação e da vida"? Este é, exatamente, o nome de uma grande festa que duas religiões celebram, todos os anos: a Páscoa.

No judaísmo, o título da festa é "Pezah zeman herutenu": "a estação da nossa libertação". O cristianismo fala de "Semana Santa e Festa da Ressurreição". A forma e o conteúdo das celebrações variam mas a raiz é a mesma.

Os cristãos herdaram a Páscoa do judaísmo. As comunidades judaicas a receberam de antigas religiões nativas que festejavam a primavera e agradeciam a Deus as primeiras crias do rebanho, ou as espigas novas da plantação. A Páscoa judaica tornou-se a comemoração da noite em que o Senhor libertou os hebreus da escravidão do Egito. Os cristãos celebram essa memória e acrescentam o memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

As comunidades judaicas fazem a ceia pascal e lembram a libertação social e política do seu povo e também a vocação de cada pessoa para libertar-se de tudo que a torne menos humana e verdadeira. Para lembrar a pressa com a qual o povo hebreu fugiu do Egito, as famílias

retiram de suas casas todo fermento e comem pães ázimos. Os antigos rabinos ensinavam que o fermento significa o "instinto do mal" e eliminá-lo é ato de purificação: a vaidade incha a pessoa como o fermento incha mentirosamente o pão. Nesse sentido, Paulo escreve à Igreja de Corinto: "Celebremos a festa, jogando fora o velho fermento da malícia e da perversidade. Comamos o pão ázimo da pureza e da verdade, pois Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado" (1 Cor 5, 5-7).

A mais importante celebração cristã é a Vigília Pascal, na noite do sábado para o domingo. Para os antigos pastores, uma comunidade cristã poderia não celebrar a ceia do Senhor na quinta-feira santa e mesmo não conseguir reunir-se para a memória da paixão do Cristo na sexta-feira santa. Entretanto, não deveria deixar de festejar a Páscoa da ressurreição no sábado à noite ou no domingo de madrugada, antes do sol nascer. É o mais antigo culto cristão, vivido desde os tempos das catacumbas, quando a comunidade se reunia nas madrugadas de domingo, para lembrar a Páscoa. Santo

- *O que significa a Páscoa para nós? Um domingo de festa religiosa que aconteceu há alguns meses e passou na segunda-feira?*
- *Como pode o espírito da Páscoa penetrar no dia-a-dia dos cristãos ao longo do ano inteiro? Quais são as atitudes, gestos e ações que exprimem esse espírito de Páscoa na nossa vida?*



"Uma sociedade embrutece mais com o uso habitual de castigos do que com a repetição dos delitos". (Oscar Wilde)

Agostinho chama essa festa: "A mãe de todas as vigílias da Igreja".

Celebrar a Páscoa não vai mudar mecanicamente a situação social, política, ou econômica do mundo. Não eliminará doenças físicas ou dores do coração. A Páscoa é profecia, grito de liberdade e vitória para dar força a quem continua na luta. Hoje, a vitória e o riso como método terapêutico é cientificamente reconhecido. O Senhor ressuscitado revela-se com o corpo ferido e chagas abertas nas mãos, nos pés e no peito. Mas, é vitorioso. Seus discípulos se alegram emvê-lo vivo e lembram sua palavra: "Filhinhos, no mundo vocês sempre terão aflições. Tenham coragem: eu venci o mundo" (Jo 16, 33).

As comunidades judias oram: "Celebremos esta festa porque quando Deus libertou nossos pais da escravidão, fez isso por nós". Os cristãos também são chamados a expressar toda a sua alegria nessa festa pois, como dizia São João Crisóstomo: "Mesmo no meio da luta e da dor, o Deus da aliança que ressuscitou Jesus faz da nossa vida uma festa contínua".

Quais são as razões teológicas fundamentais pelas quais as igrejas se vêem não apenas autorizadas, mas comprometidas a alçar sua voz na questão da dívida externa? Esse é o pano de fundo que norteia esta reflexão.

Dívida externa e Jubileu: uma reflexão teológica

Walter Altmann
Teólogo luterano

A fé cristã entende o ser humano como um ser relacional: com Deus, como criador e mantenedor de toda a criação; e com o próximo, como seu semelhante e parceiro social inserido no conjunto do restante da criação. A realidade dos seres humanos é avaliada de acordo com o estado de suas relações com Deus, com o próximo e com a criação.

Mais: a fé cristã está baseada no convencimento de que o propósito original e inalterado de Deus consiste em que essas relações sejam caracterizadas por amor, justiça e comunhão. Ainda assim ela está consciente de que a realidade atual das relações entre os humanos, bem como para com Deus e com o conjunto da criação, está muito distante desse propósito e profundamente

marcada por egoísmo, violência e injustiça.

Essa concepção dual (propósito de Deus e afastamento dele) faz com que a fé cristão se exercente permanentemente numa dialética de realismo e utopia: pode encarar e nomear destemidamente as múltiplas manifestações de injustiça e opressões, mas nem por isso se deixa abater pela resignação. Ao contrário, se revigora em favor de uma ação transformadora a partir do horizonte de esperança que encontra na vontade expressa de Deus. Por isso, também a questão da dívida externa deve ser encarada nessa dialética de realismo no tocante à perversidade e complexidade da questão, sem abdicar do propósito e da crença na possibilidade de transformação radical da iniquidade.

A importância do Jubileu

O horizonte utópico que move crescentemente as igrejas e movimentos cristãos em relação a dívida externa é sintetizado paradigmaticamente pela concepção do jubileu (Levítico 25). Suas linhas básicas tornam-se mais e mais conhecidas: de tempos em tempos (no caso bíblico, preconizava-se um período de cinqüenta anos), proceder-se-ia a uma radical anulação das iniquidades acumuladas ao longo do período anterior e se restabeleceriam as relações originárias de igualdade, justiça e comunhão solidária. A terra seria redistribuída, os escravos libertados, as dívidas perdoadas.

Para entendermos a concepção do jubileu, devemos recuar ainda mais à concepção do descanso sabático. Segundo o Antigo Testamento, a atividade humana haveria de desenvolver-se num ritmo de trabalho durante seis dias, seguido de um dia de descanso. O descanso é entendido, portanto, como o verdadeiro alvo da labuta precedente, o momento de desfrute das bênçãos aferidas, do restabelecimento das forças e do recolhimento à comunhão mais íntima com o Criador. Aliás, o próprio Deus culmina a criação não com o ser humano, como muitas vezes se supõe, mas com o descanso. O dia de descanso é parte da criação.

Analogamente, o Antigo Testamento conhece o ciclo de sete anos, em que o último é dedicado ao descanso. Contudo, também reconhece

A fé cristã está baseada no convencimento de que o propósito original e inalterado de Deus consiste em que as relações dos homens entre si, com Deus e a natureza sejam caracterizadas por amor, justiça e comunhão.

a realidade pervertida e cada vez mais distante do propósito original. De modo que preconiza após sete ciclos de sete anos, a introdução de um ano de jubileu, em que as distorções e perversões seriam corrigidas e restabelecidas as condições de igualdade, justiça e comunhão originais. Ou seja, o jubileu proporcionaria que não apenas todas as pessoas, mas até mesmo todos os seres vivos pudesse usufruir as dádivas e bênçãos obtidas no tempo precedente, sem que estas sejam usurpadas por uns em detrimento dos demais. Aliás, o componente de crítica social aos poderosos, contido nas concepções do Antigo Testamento fica claro num texto como o do Salmo 82, uma crítica aos governantes que oprimem o povo: "Até quando julgareis injustamente e tomareis partido pela causa dos ímpios? Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o afliito e o desamparado. Socorrei o fraco e o ne-

E o texto bíblico não preconiza de modo nenhum que após um ano de jubileu se retorne, no ano seguinte, ao estado anterior que tornou o jubileu necessário.

cessitado; tirai-os das mãos dos ímpios."

Há, nessa concepção, por certo, não apenas o horizonte utópico, mas também uma grande dose de realismo. Cinquenta anos não era um período curto, ainda mais se considerarmos a longevidade da época bem inferior a isso. Poder-se-ia perguntar, com alguma dose de cinismo: significa que durante quarenta e nove anos as injustiças e opressões estariam liberadas? Contudo, o cinismo seria injusto. O texto bíblico não preconiza de modo nenhum que após um ano de jubileu se retorne, no ano seguinte, ao estado anterior que tornou o jubileu necessário. Ao contrário, pressupõe-se que o restabelecimento do estado original seja agora o estado que deveria ser mantido como habitual, não o sendo tão-somente pela realidade que se designa em termos teológicos como pecado, que consiste precisamente no rompimento das relações com Deus e com o próximo.

Ainda que, na prática, o jubileu nunca tenha se concretizado de todo, permaneceu sempre como horizonte

utópico a nutrir a crítica social dos profetas e a esperança do povo de Deus. O Novo Testamento faz confluir a esperança do jubileu na pessoa do próprio Jesus Cristo, conforme Lucas (4.16-21). A característica desse jubileu fica clara: "Evangelizar aos pobres, proclamar libertação aos cativos, pôr em liberdade os oprimidos" (v.18).

Considerações sobre o perdão

Nesse contexto, está também contida a idéia do perdão. Em relação a Deus, a comunidade cristã se sabe devedora e por isso sempre carente de perdão. Do perdão recebido flui também o compromisso do perdão a conceder. Na oração de Jesus consta a petição lapidar: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a nossos devedores". Ainda que não se possa fazer uma transposição simples dessa petição para com as relações econômicas entre nações, é certo que a dimensão do perdão preserva o horizonte utópico presente no tema do jubileu e aposta para a restauração de condições de justiça originais deturpadas.

Logo, a idéia do perdão não pode ser desvinculada da concepção de justiça. Aliás, não o é em Deus mesmo, que utiliza o instrumento do perdão, suscitado por seu amor, para restabelecer as condições da justiça. Assim, o clamor pelo cancelamento parcial ou total da dívida não pode ser entendido como uma

É eticamente inaceitável que justamente quando se têm à disposição recursos da ciência e da técnica sem precedentes, se observe a exacerbação das desigualdades entre países.

admissão de culpabilidade por parte dos povos devedores a serem perdoados, já que as camadas populares que padecem as consequências nefastas das dívidas geralmente não foram os responsáveis por contraí-las, mas são suas vítimas.

Contudo, assim como o jubileu no Antigo Testamento, ao prever o restabelecimento de condições de justiça, também pressupunha a manutenção da justiça restabelecida, é essencial que toda e qualquer medida de cancelamento da dívida venha acompanhada de medidas tendentes a propiciar a manutenção das condições para o desenvolvimento da sociedade em igualdade e justiça. Assim, vincular o cancelamento da dívida externa ao resgate da dívida social (e poderíamos acrescentar ecológica) é um desdobramento lógico da concepção do jubileu. De outra parte, é igualmente fundamental comprometer os governos de países endividados e os de países credores, bem como agências multilaterais, além de investidores privados, com um código eficaz (de preferência com valor jurídico internacio-

nal) que coloque os instrumentos econômicos a serviço do ser humano, em particular dos empobrecidos. Por exemplo, a transposição de dispositivos legais que protegem os cidadãos em sua capacidade de sobrevivência para salvaguardas análogas em relação aos povos parece um desdobramento lógico da reivindicação do jubileu, e, ao mesmo tempo, um imperativo de preservação da dignidade de todo e qualquer ser humano.

Rede de solidariedade internacional

Do ponto de vista ético observa-se na atualidade um inaceitável e gritante paradoxo: há, de um lado, no mundo de hoje, recursos financeiros, tecnológicos e de produção inimagináveis em épocas precedentes, desmascarando como uma falácia a tese muitas vezes repetida de que o objetivo de uma ordem social justa e igualitária, em nível mundial, seria uma utopia impossível de ser alcançada. É eticamente inaceitável que justamente quando se têm à disposição esses recursos sem precedentes, se observe simultaneamente uma exacerbação das desigualdades não apenas naqueles países tradicionalmente desiguais, mas também nos que já haviam atingido um relativo grau de desenvolvimento social.

Em contraposição, é alvissareiro que a campanha Jubileu 2000, conclamando a um cancelamento total ou significativo das dívidas,

A constituição de uma rede de solidariedade internacional é uma condição para perseguir o cancelamento da dívida, mas também para a prevenção das causas que levaram ao agravamento do problema.

esteja estabelecendo não apenas um consenso ecumênico de largas proporções (Igreja Católica Romana, Conselho Mundial de Igrejas, famílias confessionais, organismos ecumênicos), como também uma crescente participação de iniciativas da

- *Como podemos contribuir para engrossar as fileiras dos que pedem o perdão das dívidas dos países pobres?*
- *Como a Igreja e seus movimentos leigos podem ajudar?*



A "Taxa Tobin".

É uma proposta do economista norte-americano, James Tobin, Prêmio Nobel de Economia de 1972. Acaba de ser aprovada, por ampla maioria, pelo Parlamento do Canadá, o que confirma ser realista e viável.

Trata-se de estabelecer um imposto mundial à taxa de 0,1% sobre as transações financeiras internacionais, parecido com a CPMF vigente no Brasil.

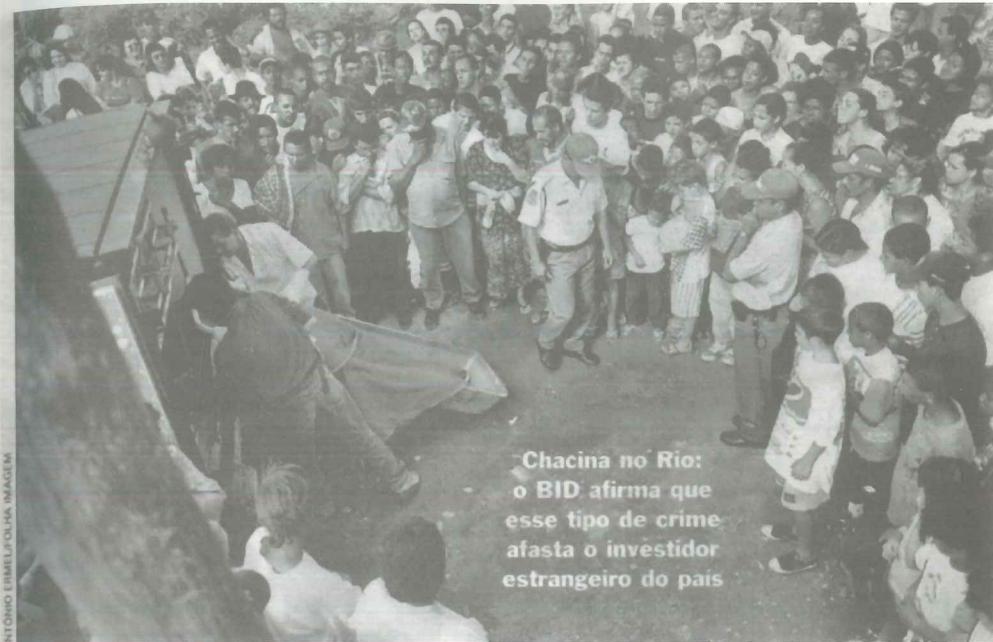
Calcula-se que seria possível arrecadar 100 bilhões de dólares por ano, com o quê se conseguirá acabar com a miséria e a fome no mundo em 10 anos.

No Brasil está se formando uma organização chamada ATTAC, para mobilizar a população no apoio a esse movimento mundial.

Para conhecer mais detalhes sobre o assunto informe seu nome e endereço pela Internet, para o e-mail bem-vind-request@attac.org ou tautz@ax.apc.org, solicitando notícias e visite a home page <http://attac.org/>

sociedade civil, tanto em países devedores quanto credores. A constituição de uma rede de solidariedade internacional é também uma condição não apenas para a consecução, ainda que parcial, dos objetivos do cancelamento da dívida, mas também para a prevenção das causas que levaram ao surgimento e ao extraordinário agravamento do problema. O ano jubilar de 2000 tem um poder mobilizador, que a comunidade cristã pode e deve usar para fazer ouvir sua voz em face da questão crucial da dívida externa e do modelo econômico dominante. Ele é, antes de tudo, a proclamação do direito dos povos a uma vida em dignidade, justiça e comunhão.

Walter Altmann, teólogo luterano e presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).



Chacina no Rio:
o BID afirma que
esse tipo de crime
afasta o investidor
estrangeiro do país

o fato...

Mais uma chacina das muitas que têm ocorrido, especialmente nas regiões metropolitanas do Rio e São Paulo. Cinco pessoas metralhadas numa rua do Grande Rio. O Brasil é um dos seis países mais violentos da América Latina, segundo levantamento do BID, ao lado da Colômbia, El Salvador, México, Peru e Venezuela.

a foto...

Antônio Ermel, fotógrafo da Folha Imagem, registra a consternação da população diante da cena trágica da remoção dos mortos da mais recente chacina na Baixada Fluminense. (Foto publicada em *Veja*, julho/99).

a razão.

Não se podem separar esses fatos violentos da realidade do desemprego crescente e da falta de perspectivas de vida feliz que impele jovens para o tráfico de drogas, um submundo cruel que reduz para 26 anos a expectativa de vida dos que nele entram e não podem mais sair, senão mortos.

A proibição de venda, guarda e porte de armas gera polêmica, pelos interesses comerciais em jogo, mas é um passo importante para combater a violência no país.

Adeus às armas

Helio Amorim
Editor de Fato e Razão

Cresce a violência no país. Tíroteios são cada vez mais freqüentes. Estados e Municípios começam a promulgar leis para proibir a venda de armas à população. O governo federal encaminha ao Legislativo um projeto de lei que estende a proibição a todo o país e vai mais longe: será proibido ter arma em casa. Quem possui uma arma terá um ano para entregá-la ao governo, mediante uma indenização simbólica.

3
Não se sabe quantas são as armas em poder do povo brasileiro. Nos Estados Unidos, campeão mundial nesse campo, são 250 milhões, uma média de duas armas por cidadão adulto.

Só neste ano aconteceram por lá três ou quatro chacinas promovidas por jovens e adolescentes que saíram matando colegas e professores. No Grande Rio, na véspera da promulgação daquelas leis, um bando armado metralhou um bar

matando seis e ferindo mais de vinte pessoas que tomavam o seu chopinho de fim de tarde. A polícia local disse que isto não é nada, comparado ao que está acontecendo em São Paulo.

Comparações à parte, o fato é que se mata muito, por qualquer motivo. Parece que esses episódios costumam ser "acertos de contas" entre quadrilhas de traficantes. Fala-se, mesmo, que a expectativa de vida dos que entram nesse mundo marginal é de 26 anos. Costuma terminar com duas ou três balas de bom calibre numa disputa de pontos de venda ou por atraso na prestação de contas de uma partida de droga. Acontece que ao se matarem, o que já é muito trágico e triste, matam muitos que apenas estão no campo de mira, curtindo sua cervejinha, o mesmo que fizeram os ataques da Otan na Iugoslávia: atiravam no quartel e acertavam o hospital ou o asilo,



Um freguês potencial escolhe na vitrine uma arma, na liquidação anunciada nas lojas da cidade, nas vésperas da proibição da venda já em vigor no Rio de Janeiro.

miravam a ponte e lá ia o trem de passageiros.

O Clinton, também assustado com a violência crescente em seu país, está tentando retirar armas da população, recomprando-as, e criando limites para a venda atualmente livre. A reação do lobby dos fabricantes, um dos mais fortes do país, está impedindo avançar. Uma poderosa organização presidida pelo Charlton Heston, que já foi Moisés, no cinema, vem realizando protestos contra as tentativas do presidente. Defende o *democrático* direito de a população se armar.

No Brasil, as fábricas de armas revelam que exportam, principalmente para os Estados Unidos (incrível!), 160 mil pistolas e revólveres por mês, fora o que vendem no mercado interno ou contrabandeiam para o Paraguai. Ameaçam com a demissão de mais de 20 mil empregados.

Já se pode prever o que vai acontecer com o novo projeto de lei. Emendas abrirão tantas exceções que a lei acabará tão perfurada como um carro metralhado numa incursão punitiva de bandidos contra bandidos.

Por outro lado, continuam intocáveis as causas mais importantes dessa escalada de violência que usa as armas que se quer proibir.

A primeira é o consumo crescente de drogas, especialmente entre jovens e adolescentes. Se cresce o mercado consumidor, cresce a oferta e aumentam a atividade e o lucro fantástico do tráfico. Com o crescente desemprego, entrar no submundo desse crime é uma atração irresistível e fatal: dinheiro fácil e imediato, contra aquela consequente redução da expectativa de vida antes mencionada. O agente do traficante sabe que vai morrer cedo, mas com dinheiro no bolso.

Enquanto isso, a TV despeja em cada mansão ou barraco, diariamente, centenas de cenas de violência, cada vez mais explícita, especialmente nos filmes americanos, inclusive nos desenhos infantis. O sangue jorra literalmente na cara do espectador muitas vezes por dia. Chega um tempo em que essas barbaridades já não causam horror, a morte violenta já não choca.

Para um jovem bandido armado, que também curte a violência cotidiana na sua TV, e sabe que provavelmente não vai viver muito, é fácil prever suas ações: nada mais o impressiona, a vida não vale nada.



Dos quinze milhões de minas terrestres que continuam mutilando homens, mulheres e crianças na África, nove milhões são "made in Brazil". Você sabia?

É significativo um fato acontecido naquela nação-espelho (já que a imitamos em quase tudo): o Clinton convidou para um simples diálogo sobre o tema da violência os representantes dos setores da sociedade e das indústrias que tivessem alguma relação com o problema. Compareceram todos os convidados, exceto os da indústria cinematográfica. Não querem sequer conversar sobre o assunto. Então o presidente acaba de contratar universidades para estudar a relação entre a violência na sociedade e a violência nos meios de comunicação social (especialmente os filmes exportados para o mundo inteiro, naturalmente). Já é possível prever as conclusões.

Em suma: reverter a violência crescente passa por políticas geradoras de emprego e renda, políticas consistentes contra a miséria e a fome, campanhas educativas permanentes de grande impacto para reduzir o consumo de drogas, repressão mais organizada contra o tráfico a nível mundial, controle da violência gratuita e sangrenta na filmografia norte-americana que as redes brasileiras poderiam ser forçadas a boicotar.

Mas a proibição de venda de armas já é, em si mesma, um bom começo. Precisa de forte e explícito apoio da população.

CMI apoia campanhas nacionais de microdesarmamento

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) manifestou apoio às campanhas que estão sendo desenvolvidas no Brasil e nos Estados Unidos contra a proliferação de armas de pequeno calibre e de combate à violência urbana.

A organização "Viva Rio", que integra a iniciativa "Paz para a Cidade", do CMI, faz a coleta de assinaturas para um abaixo-assinado em apoio à proibição do tráfico de armas de pequeno porte no Brasil. "Paz para a Cidade" é uma campanha auspiciada pelo CMI em diversas cidades do mundo, buscando a redução da violência urbana.

Rubem César Fernandes, coordenador do Viva Rio, informou que mais de 9% do total de mortes no mundo provocadas pelo revólver acontecem no Brasil, que tem apenas 2,6% da população mundial.

Fernandes lembrou que o presidente Fernando Henrique Cardoso propôs uma série de medidas legais para proibir a venda de armas de pequeno porte. "Essa vontade política do governo e a existência de um forte movimento social no país contra a proliferação de revólveres, pistolas e fuzis em mãos da população podem produzir bons resultados e impulsivar

iniciativas semelhantes a nível mundial", disse Fernandes.

O CMI é um dos fundadores da International Action Network of Small Arms (Iansa). Esse organismo de ação contra as armas de pequeno porte incentivou campanhas a nível mundial de coleta de assinaturas em apoio ao microdesarmamento.

O CMI também manifestou apoio à "Campanha Bell", organizada pela vítimas dos efeitos de armas de pequeno porte, com o intuito de "reduzir o número e disponibilidade de revólveres e fuzis de assalto" nos Estados Unidos. A campanha vai começar, na próxima terça-feira, em oito grandes cidades norte-americanas.

O reverendo Jeffrey Brown, colaborador da iniciativa "Paz para a Cidade" em Boston, entende que ações como a matança de escolares em Littleton, no Colorado, demonstram que a violência é universal e se propaga como uma epidemia, tanto nas cidades como nas áreas rurais dos EUA. "Se as igrejas não se comprometem em participar ativamente na busca de soluções, pouco temos a esperar para o futuro dos nossos filhos", disse o pastor.

Vamos apoiar essa luta?

Esse corpo que somos é morada divina, ainda que profanado pelo trabalho opressivo, abatido pelas guerras, prostituído pela miséria.

O corpo místico

O cristianismo, malgrado as tendências espiritualistas, é a religião da concretude: fatos históricos, como a vida e a morte de Jesus; o pão e o vinho como símbolos da nossa comunhão com Deus; a "resurreição da carne" proclamada no Credo.

Somos um corpo. Assim como a árvore brota da terra, o corpo humano emerge da evolução do Universo. Somos todos feitos de matéria estelar. Nosso corpo tem a idade aproximada de 15 bilhões de anos! Sua gestação teve início quando o calor da explosão inicial do Universo ofereceu, a olhos nenhuns, a primeira festa cósmica de São João. Fogueiras acesas no firmamento pontilharam de luz a escuridão do céu.

Ali, no bojo dos fornos estelares, o hidrogênio, cozido a temperaturas altíssimas e diferenciadas, engendrou o magnífico colar da escala atômica.

Todos os átomos do nosso corpo ganharam, nas entranhas das estrelas, existência e consistência. Eram, então, como notas da escala musical que ainda não encontraram

o instrumento capaz de fazê-las ressoar em música.

Muito tempo depois, os átomos de nosso corpo ganharam pele nas moléculas e vestiram-se com a roupa das células, construindo esse ser que somos. Já não faz sentido falar que somos um corpo dotado de alma. Menos platônico, são Paulo fala em "corpo espiritual".

O corpo contém o espírito assim como o espírito se consubstancia no corpo.

Os jogos labirínticos dos redutos quânticos fazem a energia pulsar em matéria e a matéria expressar-se em energia, unidas no aparente paradoxo das partículas que fluem como ondas e das ondas que se exibem em partículas.

Faces sutis de um mesmo perfil coroado pelos elétrons, que brilham em torno do picadeiro desse fantástico circo onde prótons e neutrons produzem, na proporção exata, o espetáculo do ser.

Tudo isso é o corpo que somos, no qual a carne é tão espiritual quanto o espírito tão carnal, indivi-

Frei Betto

Esse corpo que somos dorme e sonha, sofre e goza, sabe-se feliz ou contrai-se em tristeza, esbanja saúde ou fragiliza-se na doença.

síveis, dualidade sem dualismo, semente contida na árvore contida na semente que contém tronco e galho, seiva, folha e flor, assim como, desde seu início, o Universo nos continha e, desde sempre, Deus nos enlaça em seu abraço amoroso.

Esse corpo que somos é o corpo personificado do Cosmo. Teilhard de Chardin contempla o Universo como Corpo Cósmico de Cristo. "Nele vivemos, nos movemos e existimos", acentuam os Atos dos Apóstolos (17, 28).

Agora, em nosso corpo, o Universo abandona sua bilinear cegueira e ganha olhos em nossos olhos - espelhos em que ele se contempla e descobre, maravilhado, que é belo. Daí o nome que provém da mesma raiz grega de cosmético, aquilo que embeleza.

Somos a Terra em sua expressão humana. Nós, homens e mulheres, não somos qual o barco colocado sobre as águas. Somos a água moldada em ondas e espumas. Filhos da Terra, trazemos em nosso corpo a mesma proporção de água e sal encontrada neste planeta. Da natureza emergimos e graças a

ela nutrimos a nossa vida, e trazemos em nosso corpo matas em forma de pêlos, superfícies lisas e ásperas, reentrâncias e protuberâncias, fendas, canais, fontes e cavernas.

Esse corpo que somos dorme e sonha, sofre e goza, sabe-se feliz ou contrai-se em tristeza, esbanja saúde ou fragiliza-se na doença. Sobretudo, é capaz de algo inacessível a todos os outros animais: sorrir. E, no entanto, ainda vivemos num mundo submerso em lágrimas. Porque esse corpo, provido de sentimentos e emoções, guarda rancores, iras e ódios, embora tão capaz de compaixão, ternura e amor.

Esse corpo que somos é morada divina. No entanto, profanado pelo trabalho opressivo, abatido pelas guerras, prostituído pela miséria, excluído pelo Estado do mal-estar social. Corpo feito para se revestir de dignidade, pleno de direitos. Corpo copo que acolhe vinho e carinho e se projeta em palavras, como o pássaro lança-se ao vento que imprime vôo às suas asas.

Esse nosso corpo, criado à imagem e semelhança de Deus, é idêntico ao corpo de Cristo (*Corpus Christi*) e, como ele, vocacionado ressurrecionalmente à eterna idade, lá onde o tempo se despe do espaço e cede lugar à plenitude do amor.

Frei Betto, escritor, é autor de "A Obra do Artista" - uma visão holística do Universo (Atica), entre outros livros.

A Doutrina Social da Igreja coloca o homem como sujeito do trabalho, ou seja, afirma que o trabalho está sempre a serviço do homem

Protagonistas da Economia de Comunhão

Vera Araújo

Virada do Milênio. A palavra de ordem é a crise econômica, que fomenta a miséria e os focos de guerra. Muda a latitude, o epicentro do terremoto, mas todos ressentem do tremor... Por outro lado se desenvolvem os movimentos e organizações locais e internacionais em defesa dos direitos humanos, da igualdade e da fraternidade. Talvez não seja mera coincidência que o projeto da Economia de Comunhão (EdC) tenha surgido justamente neste final de século, propondo uma economia capaz de superar as contradições do presente através da atividade produtiva e da distribuição de lucros da empresa, que é a estrutura básica da economia moderna.

Nesse contexto, um dos aspectos mais inovadores da Economia de Comunhão é o que se refere às relações sociais dentro e fora da empresa. Até agora se considerou muito o papel do empresário, e com toda a razão, porque ele é uma figu-

ra chave. Mas o significado que o trabalho assume numa empresa da EdC ressalta também a figura e a importância do trabalhador. E não somente: os que são os beneficiários do projeto, isto é, as pessoas carentes, para quem ele nasceu, são protagonistas e assumem um papel de grande importância.

A Doutrina Social da Igreja coloca o homem como sujeito do trabalho, ou seja, afirma que o trabalho está sempre a serviço do homem. Na encíclica *Laborem Exercens* – que passou à história como uma espécie de “Evangelho do trabalho” – o papa João Paulo II afirma que, “em última análise, o objetivo do trabalho, de qualquer trabalho realizado pelo homem, mesmo o mais servil, o mais monótono ou até o mais marginalizante, permanece sempre o próprio homem”.

Portanto, qualquer trabalho realizado numa empresa, do mais intelectual ao mais humilde, reveste-se sempre da dignidade do

homem que o exerce. Sem essa visão nova as empresas de Economia de Comunhão não podem funcionar. Segundo a *Laborem Exercens*, o trabalho afirma que a dignidade da pessoa “é um bem do homem, de sua humanidade, de seu ser criatura humana porque, mediante o trabalho, o homem não só transforma a natureza, adequando-a às próprias necessidades, mas também realiza-se como homem; mais ainda, num certo sentido, torna-se mais homem”.

Estes princípios devem se tornar realidade viva nas empresas, e não simples afirmações, desenvolvendo aquilo que o papa chama de “espiritualidade do trabalho”.

A experiência realizada pelas empresas da EdC ajuda o trabalhador a adquirir cada vez mais a consciência de que ele é chamado a colaborar na obra criadora de Deus. O trabalho passa a ser, então, não só um bem do homem, não apenas algo digno da sua pessoa, mas também a sua colaboração na obra de Deus: o homem, com seu trabalho, torna-se um administrador seu na terra. E a consciência dessa dimensão traz realização e felicidade.

O trabalho encarado como participação na criação não é apenas um compromisso ou um dever, mas um verdadeiro chamado, uma vocação. E até mesmo o sofrimento, a fadiga e o suor, inerentes ao trabalho como consequência do pecado, são fatores que não lhe podem ser poupadados; mas eles podem adquirir um significado, um sentido, na cruz de Jesus, como partici-



O trabalho encarado como participação na criação não é apenas um compromisso ou um dever, mas um verdadeiro chamado, uma vocação.

pação do homem na redenção da humanidade. O drama do mundo do trabalho possui a grande possibilidade de transformar todo cansaço e sofrimento em matéria-prima de redenção.

Por meio do trabalho, o homem também é chamado a colaborar na transformação da terra em "céus novos e terra nova", a colocar na natureza o germe da salvação e da redenção. Esta é uma dimensão teológica – mas também profundamente moral e ética – do trabalho humano. Se alguém, ao trabalhar, tem a convicção de que está transformando a natureza, preparando-a para os novos céus e a nova terra, a sua atividade adquire uma dimensão que ultrapassa o cotidiano e entra na esfera da eternidade. Nessa ótica, tanto o trabalho de um varredor de rua quanto o de um executivo adquirem um valor eterno. Não há mais diferença, pois o que vale é a intenção do trabalho, e se ele for vivido deste modo, permanecerá para sempre.

A solidariedade entre os trabalhadores começa a emergir como um outro aspecto importante para os que constróem a Economia de Comunhão. Para atingir os objetivos da empresa, os trabalhadores

- ❖ O que acham destas propostas os empresários que freqüentam os nossos grupos e movimentos cristãos?
- ❖ O que pode dificultar essa maneira de ser empresário? O que pode ajudá-lo a decidir-se por esse modelo de relações entre empregados e empregadores?



"Banco é aquela organização que te empresta um guarda-chuva quando tempo está bom e o toma de volta quando começa a chover". (Jerome K. Jerome).

devem viver a solidariedade, devem ter a comunhão de intentos na produção.

Numa empresa da EdC, todas as pessoas têm o mesmo valor: tanto o empresário, que com esforço a dirige no maremoto do mercado, quanto o operário e o funcionário, que garantem a produção e a continuidade da empresa. Da mesma forma a pessoa que se beneficia daquela parte dos lucros da empresa destinada aos necessitados passa a ser uma parte integrante da empresa. Cria-se, portanto, um relacionamento de reciprocidade, de verdadeira parceria. De fato, nessas empresas as pessoas carentes não são vistas apenas como parceiros, ou seja, têm uma função importante porque provem a atuação da cultura da partilha. A empresa também recebe algo deles: a sua necessidade. Esta não é vista como alguma coisa que os obriga a pedir ajuda, mas como um presente que dão, pois oferecem aos empresários e funcionários, como também a todos aqueles que usam seus serviços ou produtos, a possibilidade de viver a cultura da partilha.

Colaboração de Maria do Carmo Gaspar. Extraído de Cidade Nova, do Movimento Focolari.

Bernhard Häring, o grande teólogo moralista da Igreja, já quase vencido pela enfermidade incurável, escreveu um livro comovente sobre a sua experiência com divorciados recasados. Leiam as primeiras páginas desse belo e questionador estudo teológico.

Existe saída?

Bernhard Häring

Insensibilidade moral ou estruturas pecaminosas?

O rigorismo e frieza burocrática em quase todas as questões matrimoniais – matrimônios mistos, regulação da natalidade e principalmente os casos de pessoas separadas que voltaram a se casar – foram durante décadas as causas principais do afastamento da Igreja, quando não do abandono da comunidade.

Uma paróquia anglicana (episcopaliana) de Chicago comprovou durante mais de trinta anos que mais da metade dos seus novos paroquianos provinham da Igreja Católica, como consequência dessa prática matrimonial legalista.

Devemos supor aqui algo imoral ou se deve falar preferentemente de estruturas pecaminosas? Ou se aplica aqui o que Max Weber

afirmou no início do século, isto é: que o sacerdote católico, tal como um bancário, é representante de uma cultura burocrática? Faltou às autoridades eclesiásticas disposição para aprender? E por quê? Talvez porque ninguém tenha tido a coragem de protestar publicamente. O fato de as supremas instâncias eclesiásticas às vezes bloquearem a livre formação de uma opinião intraeclesial provocou a vingança apagando o protesto como uma mecha fumegante?

Em numerosas dioceses, principalmente nos países de língua inglesa, muitas coisas evoluíram para melhor. Simplificaram-se e aceleraram-se os processos, e já se nota uma maior sensibilidade humana e maior senso pastoral.¹ Poder-se-ia, e em boa parte ainda é possível, ter a coragem de dizer aos pastores e às pessoas envolvidas: "Tenham coragem!"

Mas o novo Código de Direito Canônico voltou atrás quanto a certas mitigações coerentes que já se praticavam em algumas regiões. A insistência na apelação a uma segunda instância continua atrasando muitos processos. Toda a instituição dos tribunais eclesiásticos para causas matrimoniais continua a ter má fama, o que nem sempre é justo. Os tribunais para causas matrimoniais estão sobre-carregados de trabalho. Se todas as pessoas que têm boas razões para duvidar da validade do seu primeiro matrimônio fracassado se dirigissem ao tribunal eclesiástico para causas matrimoniais, este entraria em colapso.

O grande perigo para as causas matrimoniais é que se transformem em "tribunal", em corte de justiça, na qual dificilmente tem lugar o amor sanativo do Salvador e na qual os servos e servas da Igreja não encontram, apesar da sua boa vontade, o clima que seria favorável a uma ajuda benfazeja.

Um desafio radicalmente novo para a Igreja

A Igreja tem de pensar seriamente se existem outros caminhos, uma mentalidade diferente e instituições totalmente diversas, que diante dos olhos do mundo apresentem e dêem a conhecer de maneira convincente a Igreja como sacramento de salvação, como sa-

BERNHARD HÄRING

EXISTE SAÍDA?

Para uma pastoral dos divorciados

cramento do amor sanativo e reconciliador de Cristo.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja se encontra prestes a iniciar um novo caminho, de sair finalmente de uma cultura sob um controle quase total e sob sanções legais. Sopra o vento novo, apesar de que muitos se esforçam por fechar hermeticamente as janelas que João XXIII abriu de par em par para que entrasse um novo ar. Mas, ponderando bem, insisto em meu grito de encorajamento: "Tenham coragem!" Devemos ter coragem de enfrentar serenamente a nova situação, e também de contemplá-la otimistas, pondo toda nossa confiança no Senhor da História.

A forma e as funções do matrimônio e da família, bem como as circunstâncias socioeconômicas e culturais, mudaram radicalmente. A grande família na qual encontravam acolhida e apoio os solteiros, os abandonados e os viúvos, deixou de existir. Também não se encontra apoio dos vizinhos nas grandes

*Hoje, na sociedade industrial do anonimato e das mudanças, quem está só fica excessivamente vulnerável. A mulher separada ou abandonada é vista como uma rival em potência. Com o desmoronamento do matrimônio parece ter desaparecido toda barreira. Hoje o *vae soli* – "não é bom que o homem esteja só" – é entendido de maneira totalmente original. As estatísticas demonstram que os separados que vivem sós sucumbem às doenças psicosomáticas com mais freqüência que os indivíduos da mesma idade que contam com a proteção de uma família. As taxas de suicídios são muito mais elevadas entre pessoas separadas que entre as que vivem um matrimônio salutar. O perigo da droga e do alcoolismo é também alarmante entre as pessoas sem vínculos familiares.²*

Desde o começo da idade moderna, surgiram algumas alternativas além da emigração: ficar na casa paterna como tio ou tia respeitados, permanecer junto ao irmão casado ou abraçar o estado religioso, que representava até um degrau mais alto na escala social.

Hoje, o direito a constituir família, o direito a se casar, conta como um dos direitos fundamentais mais inerentes à pessoa. Por isso, quando se impõe o celibato a quem fracassou no primeiro matrimônio celebrado na Igreja – e embora se deva humanamente admitir que muitas vezes se tratava de matrimônios que já de início não contavam com possibilidades de êxito – os interessados e seus parentes se sentem desapontados e feridos como não se podia imaginar em outros tempos.

Hoje, na sociedade industrial do anonimato e das mudanças, quem está só fica excessivamente vulnerável. A mulher separada ou abandonada é vista como uma rival em potência. Com o desmoronamento do matrimônio parece ter desaparecido toda barreira. Hoje o *vae soli* – "não é bom que o homem esteja só" – é entendido de maneira totalmente original. As estatísticas demonstram que os separados que vivem sós sucumbem às doenças psicosomáticas com mais freqüência que os indivíduos da mesma idade que contam com a proteção de uma família. As taxas de suicídios são muito mais elevadas entre pessoas separadas que entre as que vivem um matrimônio salutar. O perigo da droga e do alcoolismo é também alarmante entre as pessoas sem vínculos familiares.²

O matrimônio é hoje muito mais vulnerável e está muito menos protegido que nas culturas camponesas e artesanais dos nossos avós. Procura-se na esfera íntima uma compensação e equilíbrio em face do mundo do trabalho coletivista. Espera-se do cônjuge muito mais, apesar de que os que casam hoje, em grande parte, o façam com um despreparo surpreendente devido à nossa sociedade de consumo e a uma "educação" pública orientada exclusivamente para a produção.

Quando não são desfeitos, os matrimônios duram hoje aproximadamente o dobro de duas ou três gerações atrás, porque a média de vida aumentou.

E a família nuclear de hoje

perdeu muitíssimas funções, que antes reforçavam o contexto externo. Quando os filhos adultos vão embora de casa, os pais relativamente jovens se defrontam com problemas totalmente novos sobre como preencher o vazio que eles deixaram. É muito difícil sublimar esta situação, se não permanecerem unidos em torno de ideais comuns e de um comum compromisso em prol de certos valores e objetivos.

A lista das mudanças poderia ampliar-se sem dificuldade. Sendo assim, a Igreja se esforçou suficientemente para combinar o mandamento e o objetivo supremo da fidelidade com a educação para a liberdade a que o Cristo nos chama?

Estas e muitas outras perguntas poderiam ser feitas também com referência à prática e forma do ensinamento relativo ao matrimônio e ao divórcio. A instituição dos tribunais eclesiásticos para questões matrimoniais, por vezes frágil e debilitante, não é mais que um sintoma dessa adaptação deficiente.

A doutrina que vingou desde o século XII com o papa Alexandre III, de que se deveria condenar sem mais um segundo matrimônio, depois do fracasso de uma primeira união matrimonial, a não ser que houvesse certeza absoluta da invalidade do primeiro matrimônio, é uma doutrina que, em linhas gerais, funcionou bem para aquele cultura: o Estado protegia o matrimônio com suas sanções. O próprio direito de propriedade facilmente afastava a hipótese do divórcio. E como já

É preciso repensar muitas coisas, se se deseja que o grande número de pessoas divorciadas se sintam participante da Igreja, principalmente quando se sentem atraídas por um novo casamento.

dissemos e voltaremos a repetir, o separado encontrava amparo e proteção na grande família. Repartia com muitas outras pessoas a sorte dolorosa de não poder formar uma nova família. Só com o advento da moderna sociedade industrial, tornou-se possível que todos tenham a possibilidade econômica de fundar uma família própria.

É preciso repensar essas e muitas outras coisas, se se deseja que o grande número de pessoas separadas ou divorciadas volte a se sentir participante da Igreja, principalmente quando se sentem atraídas por um novo casamento.

Décadas atrás, alguns bispos, sacerdotes e leigos da África e amplos setores da América Latina, em especial do Caribe, me contavam que boa parte dos católicos viviam juntos durante muito tempo, antes de se decidir pelo matrimônio na Igreja. E esta era a principal razão que os casais alegavam para aquele comportamento: "Queremos mor-

Hoje, o direito a constituir família, o direito a se casar, conta como um dos direitos fundamentais mais inerentes à pessoa.

rer em paz com a Igreja e receber ao fim os últimos sacramentos. É mais fácil agora entrar em conflito com uma lei da Igreja do que, depois de um matrimônio fracassado, ser excluído dos sacramentos pelo resto de nossas vidas".

Atualmente nos deparamos com o mesmo fenômeno também em nossos países: matrimônio sem registro matrimonial. Naturalmente, essa realidade obedece a múltiplas causas. Freqüentemente, porém, ouvi considerações similares às que antes se escutavam na África, América Latina e Caribe. Há inclusive muitos pais participantes na Igreja que permitem aos seus

NOTAS

¹ Eloquente testemunho a esse respeito é o artigo de Otto F. ter Reegen, vigário judicial do arcebispado de Utrecht, "Geschiedene in der Kälte stehen lassen" in *Diakonia*, 19 (1988): 334-340.

² Leia-se nesse contexto uma declaração do diretor do Instituto João Paulo II, Carlo Caffarra, influente assessor do Papa para questões matrimoniais; declaração feita no começo de novembro de 1988, num congresso de moralistas que ele mesmo organizara: "Uma vez que o homem se elevou ao nível ético, já não se interessa mínima ou definitivamente pelas possibilidades, seqüelas e resultados históricos, ele está acima desses cálculos". Com isso ele parece querer excluir uma ética da responsabilidade em sentido teológico. É preciso que nos oponhamos resolutamente a essa posição, em nome de uma salutar teologia moral católica.



"Não se pode julgar uma pessoa pelo círculo de amigo que ela freqüenta. Não nos esqueçamos que Judas andava em excelente companhia". (Ernest Hemingway)

filhos se juntarem antes de casar, apresentando o mesmo argumento: "Se fracassarem na primeira experiência, não serão excluídos dos sacramentos por toda a vida". Naturalmente, o tal matrimônio sem certificado matrimonial fracassa ainda mais facilmente.

Desejo dizer ao leitor o seguinte: penso que a Igreja Católica poderia aprender muitíssimo da sua própria e múltipla tradição e mais ainda da tradição representada pela *oikonomia* das Igrejas orientais. De qualquer modo, não podemos eludir a responsabilidade de pensar a fundo a nova situação. A doença é grave e tem raízes profundas. A adaptação deficiente às novas possibilidades e às necessidades novas exige coragem para uma nova aprendizagem, para a discussão franca dos problemas, para abertura a novos objetivos e horizontes dentro da educação e da pregação geral.

*Excerto do livro do autor
"Existe saída?" (Edições Loyola)*

Não fique assim tão sério

Antes das técnicas que hoje permitem saber muito antes do parto o sexo da criança, um médico francês fez fortuna por ter criado um método para essa previsão.

Uma de suas clientes foi examinada e o médico lhe disse que seu filho seria uma menina.

Ela se foi contente, sabendo que ia preparar um belo enxoval cor de rosa para o bebê.

Passado o tempo previsto, nasceu um menino robusto, para alegria geral. Teria que usar camisolás cor de rosa mas... não era nenhuma tragédia.

Assim mesmo a mãe se sentiu esbulhada e foi reclamar ao médico.

Ele pediu seu nome e a data da sua consulta. Informado, ele folheou a sua agenda e mostrou à mãe:

"No dia 23 de abril, está aqui registrada a sua visita e o meu diagnóstico: seu filho seria um menino. A senhora não prestou atenção e se enganou".

Ela leu e, de fato, lá estava a anotação: um menino, sem dúvida. Pediu desculpas por sua desatenção e se foi.

O prestígio do médico continuava a crescer. Até que se descobriu muito tempo depois que ele só

acertava metade das previsões, naturalmente, mas sempre anotava na agenda o contrário do que informava às clientes... que quando reclamavam saíam convencidas de que o erro se devia à sua falta de atenção...

0

Um motorista seguia por uma estrada pavimentada do interior, numa dessas pistas em bom estado que pedem uma boa velocidade.

Numa curva viu a placa ordenando: "Reduza: 60 km". Obedeceu, esperando encontrar homens trabalhando na pista.

Mais adiante, nova placa mais exigente: "Reduza: 40 km". Estranhou mas obedeceu. E lá se foi arrastando por muitos quilômetros naquela marcha lenta que esquenta o motor.

Uma nova placa piorou a situação: "Reduza: 20 km".

"Absurdo! Por que vou rodar a essa velocidade de velocípede se não vejo nenhuma obra ou defeito na pista?"

Mas logo uma nova placa esclareceu tudo: "Benvindo a Reduza! Entrada a 5 km"

0

Conta-se entre políticos uma historinha edificante, para advertir sobre o cuidado ao lidar com pessoas e grupos sociais sem poder aparente, porque... nunca se sabe do que são capazes.

Um vendedor queria ir entrando sem cerimônia numa casa para oferecer suas bugigangas, mas lá estava o aviso no portão: "Cuidado com o papagaio!"

Achou graça. "Lá tenho medo de papagaio?..." – e foi entrando. Logo encarou ou foi encarado pelo papagaio no seu poleiro da varanda. O louro não gostou do jeito do intruso, desconfiou de suas intenções, e mostrou qual era a sua função.

Virou a cabeça para o jardim e chamou: "Rex!", o nobre nome do brabo cão *pittbull* comandado pelo papagaio...

Até hoje o arrependido vendedor mostra as cicatrizes e ensina aos colegas que convém a visitantes acreditar em avisos de portão.

0

Millôr Fernandes é um frasista excepcional. Em 50 anos de atuação no *O Cruzeiro*, *Pif-Paf*, *O Pasquim*, *Veja*, *Jornal do Brasil* e várias outras publicações, construiu milhares de frases saborosas e mordazes, sem papas na língua. Eis algumas:

"Psicanálise é o encontro entre profissionais da maluquice com os malucos sem fins lucrativos".

"Pensamento final de todo mundo diante da morte: *Mas já? E por que eu? Por que tão cedo? Por que assim? Por que pra sempre?*"

"Estão querendo adotar o nudismo. Se esquecem que tudo começou assim e não deu certo."

"O poder é como o camaleão ao contrário: todos os outros tomam a sua cor".

"Fanáticos de todos os partidos acham muito fácil convencer os outros com três ou quatro pontapés ideológicos".

"Democracia é eu mandar em você. Ditadura é você mandar em mim".

"Meu epitáfio: *Não contem mais comigo*".

"Chato é o sujeito que conta tudo tim-tim por tim-tim, e depois entra em detalhes".

"O pior cego é o que vê TV".
...e lá vem o poeminha:

"O burocrata
Não sabias?
Teve filhos
Em três vias."

0

Caro leitor: envie a sua colaboração para esta seção de historinhas que nos fazem sorrir...

MFC – F&R Editoria
R. Des. Saul Gusmão 80 / VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
Se a sua colaboração for selecionada e publicada você ganhará uma assinatura anual da sua

coleção fato e razão.

Educadores discutem o que fazer diante do fenômeno da sensualização precoce das crianças.

A erotização da infância

Maria Cezimbra

Mariana, de 9 anos, acorda às 6h da manhã para se maquiar, se perfumar, pintar as unhas e ir à escola, de minissaia, tamanquinho e brincos. Foi parar no consultório da psicanalista Mayria Lorenzoni, supervisora do curso de especialização em psicoterapia de crianças e adolescentes do Ceapi, depois que os professores reclamaram do comportamento sensual de Mariana com os coleguinhas, os quais provocava com beijinhos e toques corporais. Mariana é vítima da erotização precoce, fenômeno que atinge milhões de crianças brasileiras.

A infância se caracteriza por ser o primeiro período de proteção e aprendizado. No Brasil, a fronteira entre liberdade e proteção parece não ter sido ainda delimitada. Em nome da maior liberdade com o corpo, nossas crianças estão tendo roubado o direito à infância. Esta situação de sensualização precoce provoca aumento de ansiedade nos pais, estimula a violência sexual infantil, a iniciação sexual precoce, a pedofilia e, nas classes baixas, a prostituição infantil – diz. Já a psi-

canalista gaúcha Norma Escosteguy, autora de um trabalho sobre o desenvolvimento erótico da criança publicado no livro "Psicoterapia da adolescência" (Editora Artes Médicas), adverte que a sexualização precoce trará prejuízos emocionais e éticos sem precedentes.

Se a criança for estimulada a imitar a sexualidade adulta, sem condições reais para isto, o excesso de excitação poderá diminuir seu interesse e sua capacidade para pensar, para se sentir capaz, para se desenvolver gradativamente e para ter noções de sua identidade – diz.

A infância é roubada pelos próprios pais

A multidão de crianças que rebolam eroticamente em festinhas e nas escolas está assustando psicanalistas e professores, que apontam os pais como responsáveis pelo que chamam de roubo da infância. Esta expressão também foi usada pela psicanalista Lulli Milman, coordenadora da clínica social da Uerj e



autora de "Crescentes" (Editora Nova Fronteira). Lulli se diz chocada com a conduta pseudoliberal dos pais que, segundo ela, roubam a infância dos filhos para que eles realizem suas próprias fantasias sexuais.

Tomo conhecimento de casos que estão me assustando. Um exemplo é o de uma menina de 10 anos que disse à mãe que estava namorando um menino de sua sala. O que eles faziam? Ficavam na hora do recreio juntos e, às vezes, de mãos dadas. Esta mãe, a pretexto de controlar a situação, resolveu trazer o garoto para dentro de casa, para que eles namorem sob vigilância. Esta mãe está empurrando a filha para o sexo – afirma a psicanalista.

O número de meninos entre 10 e 11 anos que aparecem na clínica social da Uerj totalmente ansiosos para ter experiências sexuais, embora não tenham maturidade biológica para

tanto, também a assusta.

Meninos de 10 anos já pensam em ter relações sexuais

A angústia destes meninos é preocupante. Por que, ao invés de brincar, eles deram este salto para a sexualidade genital que não têm condições de realizar? Um destes meninos revelou que seu maior sonho era morar numa floresta, onde chegaria sempre de bicicleta e lá viveria muitas aventuras. Ele mora na Tijuca, onde há até uma floresta, mas ele só fala em fazer sexo. O que será deste menino? – diz Lulli.

A coordenadora Rosa Martins, do Jardim Escola Vilhena de Moraes, no Leblon, disse que chamou a atenção de uma mãe que transformou a bermuda da escola da filha de 5 anos num shortinho sexy:

A mãe cortou até o logotipo do colégio, que fica na barra da bermuda. Tive que dizer a ela que não podia mutilar o uniforme. Tem cabimento uma menina vir para a escola com o bumbum de fora? Os pais devem ter discernimento para dar limites ao que é oferecido pela TV. Por que comprar botas ou tamancos, que prejudicam o movimento da criança? As mães têm que aprender que o bem-estar da criança vem em primeiro lugar.

É na brincadeira de roda, no esconde-esconde, na fila para a hora do recreio que as crianças de 5

a 12 anos aprendem as regras da vida social e começam a desenvolver o futuro adulto íntegro, solidário, afetuoso e sensual, em busca de um mundo melhor para si e para os outros. A psicanalista Lulli Milman explica que, se este aprendizado é negado, perde-se a base para a futura vida social:

Os pais têm que parar de projetar seus desejos e frustrações nos filhos desta maneira. Quando a mãe veste a filha de Tiazinha, quer realizar as suas fantasias sexuais e não as da menina. É claro que a menina pode brincar de ser Tiazinha, mas quando a mãe invade, a brincadeira acaba.

Algumas escolas, como a Sá Pereira, no Humaitá, estão discutindo com os pais a febre, por exemplo, do álbum de figurinhas da personagem Tiazinha. Houve uma polêmica pública, travada no jornal semanal da escola. Alguns pais, como a psicóloga Márcia Zucchi, autora de uma das cartas, lembra que para as crianças o álbum da Tiazinha é apenas um álbum de figurinhas.

Minha filha tem um com meu consentimento e com minhas críticas.

cas. Não se pode simplesmente proibir – diz Márcia.

A alternativa da MPB e cantigas populares

A professora e musicoterapeuta Lucy Abelin, do Conservatório Brasileiro de Música e do Centro Musical Antonio Adolfo, recomenda que os pais ofereçam aos filhos de 5 a 10 anos CDs de cantigas populares e do folclore brasileiro, que, através de jogos lúdicos, trabalham as crianças para os papéis da vida adulta:

Recomendo este universo riquíssimo do folclore brasileiro para o trabalho com crianças. É importantíssima a escolha deste repertório. Há CDs excelentes como os de Raquel Durães e Joaquim de Paula. As crianças brincam e descobrem o Brasil. Há os jogos durante as cantigas de amor. Todo este universo vai preparando a criança para as regras futuras da vida social. A música brasileira oferece um amplo universo de aprendizado para crianças e adolescentes.

Extraído de *O GLOBO*

- ❖ *Como este fenômeno da erotização e da iniciação sexual precoce está sendo percebido e vivenciado nas nossas famílias e nas famílias que conhecemos?*
- ❖ *Quais as consequências esperadas? O que fazer para que a sexualidade humana seja melhor compreendida e vivida em cada fase do desenvolvimento da criança, do adolescente, do jovem, do adulto?*



“Não precisamos apenas de arte e ciência. Também precisamos de paciência.”
(Goethe).

“Domina cada vez mais, em muitos países americanos, um sistema conhecido como neoliberalismo; este sistema, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis do mercado como parâmetros absolutos em prejuízo da dignidade e do respeito da pessoa e do povo” (João Paulo II).

Razão e ração: da teologia à economia da libertação

Frei Betto
Escritor

Hegel, que gostava de ler jornais e chegou a dizer que eles são a Bíblia do homem moderno, cunhou um axioma que encanta seus discípulos, incluindo aquele talentoso alemão chamado Carlos Henrique Marques ou, para os íntimos, Karl Marx: “Tudo que é real é racional”.

Bom filósofo, Hegel dominava o peso das palavras. E, ao contrário de tantos acadêmicos, tomou o cuidado de não afirmar que “tudo que é racional é real”, como crêem os economistas do governo que levaram o Brasil ao caos. Aliás, eles acreditam que o Real é a única ra-

zão de ser do duplo mandato do presidente.

Salve-se o Real, dane-se a nação. Julgam que entendem de razão, enquanto o povo, faminto, clama por ração. São 10,3 milhões de famílias vivendo com menos de meio salário mínimo por mês. Um terço da população brasileira. E 25 milhões de miseráveis com renda de R\$ 1 ao dia.

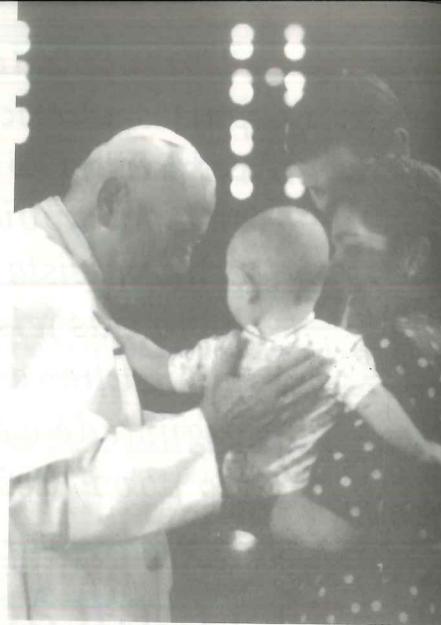
Em janeiro, participei em Havana do Encontro dos Economistas sobre a Globalização. Umas 600 pessoas, oriundas de cerca de 30 países, com Fidel Castro presidindo as sessões de manhã, tarde e

noite, sem sequer levantar-se para pagar tributo à nossa inerente animalidade, exceto nas horas de refeição.

Fisiologias à parte, o fato é que, em Havana, me impressionou a capacidade de os economistas proferirem abstrações impossíveis de serem captadas pelo comum dos mortais. Falam em economês, tentam enquadrar a realidade em seus esquemas, julgam-se cientistas dotados de poderes mágicos. É claro, há exceções, inclusive entre jornalistas especializados na área econômica. Mas uns e outros não escapam de andar sobre estas duas pernas que sustentam qualquer lógica, ainda que o dito cujo não se dê conta: ética e ideologia.

Se fizerem uma pesquisa entre economistas e jornalistas da área todos dirão que têm ética e, a maioria, que não tem ideologia. Doce ilusão da razão irreal! Claro, é possível que monsieur Camdessus, o todo-poderoso presidente do FMI, não costume bater na mulher, surrupiar disquetes de seu escritório ou exigir horas extras gratuitas de sua secretaria. Até porque ele se considera um devoto católico, jamais perde missa aos domingos e, quando convidado a pronunciar palestras, evita falar de economia (para não causar instabilidade no mercado) e resvala para a sua teologia de manuais, como se fosse o mais santo dos homens.

Ocorre que a Teologia da Libertação cunhou, em 1968, um conceito repetido por João Paulo II em sua recente viagem ao México: "pe-



João Paulo II tem sido um crítico contundente do modelo de economia neoliberal que se pretende impor ao mundo de forma definitiva.

cado social". Para o papa, o neoliberalismo é um pecado social. Monsieur Camdessus, com uma canetada, arranca o pão da boca de milhões de seres humanos, decreta a morte por inanição de povos da África, sucateia a indústria e corrói os salários de uma nação como o Brasil. Mas não acredita em pecado social, pensa que o Inferno fica do outro lado da vida e agradece a Deus todos os dias tê-lo cumulado de bênçãos.

Quanto à ideologia, nada mais ideológico do que supor que não se tem ideologia. Na cabeça de qualquer um de nós, inclusive dos analistas econômicos, há um modelo plausível de sociedade. Norberto Bobbio definiu bem quem é

de esquerda ou de direita: os primeiros julgam a desigualdade social uma aberração a ser eliminada; os segundos, algo tão natural como o calor e o frio, devendo-se apenas evitar os excessos.

Quem lê nas entrelinhas dos artigos econômicos acostuma-se a captar a ideologia do autor. Vale o mesmo para os economistas oficiais que fizeram do Brasil um cassino para deleite e proveito dos especuladores internacionais.

Quem assalta um banco é perseguido, preso, torturado, condenado. Quem joga pelo ralo, em seis meses, quase US\$ 40 bilhões de uma nação, cujas reservas baixaram de US\$ 74 para US\$ 36 bilhões, fica no ora veja.

Ao assumir a presidência do Banco Central, o economista Francisco Lopes disse diante das câmaras: "Foi um erro ter confiado tanto no capital especulativo. É preciso reconhecer isso com humildade". Nenhum eco destas palavras na mídia. Como se houvesse um complô para que o modelo econômico não fosse mudado. E há. O presidente, ao propor o pacote fiscal, evitou tributar as grandes fortunas. Como tocar na dinheirama de famílias cujos salões são freqüentados pelos homens do poder?

Outrora, a culpa dos fracassos era da ameaça comunista. Fim do comunismo, o neoliberalismo procura novos culpados. A

quebra do Brasil coincidiu com a moratória decretada pelo governador que declarou que não pagaria a dívida de US\$ 80 milhões até março. Grita geral. No mesmo dia, o Banco Central deixou sair do Brasil US\$ 1 bilhão!

Culpado é o modelo neoliberal. A Teologia da Libertação já falava disso há 20 anos. Em janeiro, o papa enfatizou no México: "Domina cada vez mais, em muitos países americanos, um sistema conhecido como neoliberalismo; sistema este que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis do mercado como parâmetros absolutos em prejuízo da dignidade e do respeito da pessoa e do povo". E condenou "a globalização dirigida pelas puras leis do mercado, segundo a conveniência dos poderosos".

Com um papa assim, nem se precisa mais de Teologia da Libertação. A hora é de uma Economia da Libertação, capaz de associar razão e ração, moeda e moenda, mercado e mercado do qual se volta com a sacola cheia. Pode-se viver sem saber economia, conhecer Hegel, crer no papa ou dominar o significado das palavras. O que não dá é viver sem comida e bebida.

Frei Betto, escritor, é autor de "A Obra do Artista" - uma visão holística do Universo (Atica), entre outros livros.



"Ter piedade das raposas é ser injusto com as ovelhas". (Saadi, antigo poeta persa)

Iugoslávia: suspendem-se os bombardeios, tropas vão tentar garantir a paz, mas o país está destruído e o povo amedrontado pelas ameaças de vingança, chora seus mortos

Mutirão pela paz

Marcelo Barros, OSB
Monge beneditino, escritor

Um cântico das comunidades de base chama-se "Utopia" e começa desejando "quando o dia da paz renascer". No mundo inteiro, milhares de pessoas ainda assistem com dor e indignação a crueldade das consequências da guerra na Península dos Balcãs.

O governo americano e os países da OTAN sustentaram que essa guerra teve motivações humanitárias. Os resultados desmentem essa pretensão.

Kosovo é uma província rural, no sul da Iugoslávia. Até pouco tempo, tinha 2 milhões de habitantes, dos quais 90% são ou eram albaneses que, há séculos, ali vivem. O governo iugoslavo decidiu tirá-los de suas terras. Se não quiseram sair, morriam. A ONU denunciou que mais de 60 mil pessoas foram expulsas de seus lares e muitas jazem em fossas comuns, abertas no campo. Contra essa política do presidente Milosevic, as tropas da Otan bombardearam o país, destruiram as cidades e mata-

ram quem se encontrasse no alvo dos mísseis.

O Papa, o Dalai Lama, o arcebispo Desmond Tutu, detentores do Prêmio Nobel da Paz, bispos como Samuel Ruiz e Pedro Casaldáliga, o rabi Levi Weiman-Kelman de Israel e o Iman islâmico W. Deen Mohamed, juntos com personalidades do mundo inteiro pediram que as comunidades e entidades religiosas e civis dos diversos continentes realizassem atos e celebrações pela paz e pelo cessar-fogo na Iugoslávia. A proposta é que fosse celebrado um Dia Mundial de Ações pela Paz, e assim se fez. Num domingo, milhares de homens e mulheres fizeram um círculo humano em redor da base militar de Agiano, na Itália, de onde partiam os mísseis da morte.

Os meios de comunicação de massa noticiam mais a palavra dos que fazem a guerra e as opiniões que lhe são favoráveis. Entretanto, os pequenos estão se unindo. Pouco a pouco, formam um coro mundial

pela paz, baseada na justiça e na defesa da vida humana e da Terra.

Todo mundo reagiu às atrocidades da ditadura de Milosevic e à iniquidade da "limpeza étnica" contra os albaneses. Todos precisam sentir sofrimento com as guerras sanguinárias que matam povos inteiros da África como acontece em Ruanda, Angola, Serra Leoa, Argélia e Sudão. Em cada guerra, ao menos uma parte envolvida afirma ter sido obrigada a reagir militarmente. Quem defendeu os bombardeios da OTAN dizia que sem o ataque aliado, na II Guerra Mundial, o nazismo não teria acabado. A guerra seria o único meio para se conseguir a paz. Santo Tomás considerava legítimo o uso da força, como último recurso contra uma ditadura. Hoje, o progresso dos armamentos prova que, mesmo se algum dia existiu, hoje, não há mais guerra justa. Ninguém restringe um bombardeio com mísseis apenas ao objetivo que se quer atingir. As consequências são desproporcionais ao mal que se combate. As milhares de vítimas inocentes dos bombardeios da OTAN provam isso. Toda guerra atenta contra cada um (uma) de nós, con-

tra a humanidade e contra o planeta Terra.

Ninguém pode ser indiferente às guerras na Birmânia, no Camboja e em outros países do mundo. Não basta que governos se pronunciem e organizações civis denunciem as atrocidades. É preciso fortalecer organismos que garantam o direito e a justiça internacional. Todo ser humano deve fazer algo para que cessem as matanças. A preocupação com a vida e o futuro da espécie humana é a base da verdadeira e mais profunda busca de Deus. Toda espiritualidade tem como base a preocupação com a paz. Jesus disse que toda ação pela paz prolonga o agir divino: "Felizes os que promovem a paz, pois serão chamados filhos e filhas de Deus".

Seja qual for sua religião ou forma de espiritualidade, encontre a cada momento uma forma de manifestar que você é favorável à paz no mundo inteiro. Leve essa preocupação para o seu trabalho, reparta essa cultura com sua família e ore nessa intenção com sua Igreja.

Que Deus, energia da paz, fique com você e faça de cada um de nós, testemunhas da paz entre os povos e da defesa da natureza.



Os custos em dólares e a estupidez da guerra. Cada dia de combate custou entre 58 e 68 milhões; um míssil de cruzeiro custa 1 milhão; a bomba guiada a laser custa 100 mil; a campanha militar da Otan custou quase 5 bilhões; os países que mandaram tropas para manter a paz vão gastar mais de 5 bilhões por ano; a recuperação de Kosovo custará mais 5 bilhões; a Iugoslávia precisa de 23 bilhões para a reconstrução. E os milhares de mortos, feridos e refugiados? Quase não se fala deles!

Felicidade

Mário Barboza
Escritor, pecuarista

Chego na fazenda à noite. Vinha de uma semana terrível, quase toda na cidade, com todos os seus instrumentos de tortura: veículos, filas, barulho, correria, indiferença, agressão, poluição e, acima de tudo isso, o terror: avião.

Desci do carro e o cheiro do capim, curral, terra molhada, já me fizeram sentir aquela intimidade

que se tem com o que se gosta.

Descarregar o carro já é o começo do prazer. Minha pasta velha, cheia de bagulhos, desde lápis até parafusos de amostra, comprimidos, revistas rurais, chaves com cadeado e tudo, canivete, esparadrapo, cartão de inscrição, cartões de vendedores de ração, caderninho topa-tudo com preço de

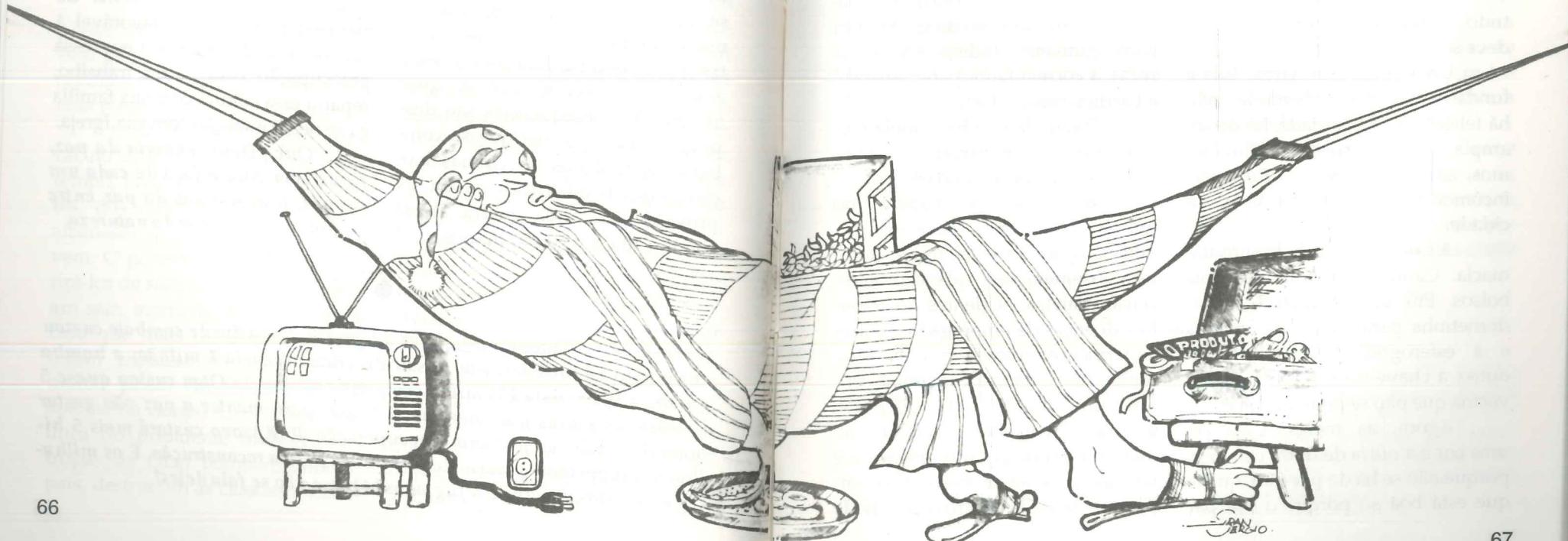
braça, de esterco, de hora de trator, enfim, uma super pasta, polivalente e inteiramente descompromissada com a estética.

Os embrulhos são de pão de rosca. Puxa, se a gente, na cidade, pedir rosca no restaurante, eles vão morrer de rir. Mas como é gostoso uma rosquinha torrada, uma caneca de café ralo, na mesinha da cozinha, no banquinho do canto.

Vou chegando e me desempacotando: todas as imposições de terceiros que vão às favas. Quero meu pijaminha bem velho, largo, que não me aperte em lugar nenhum. Um banho tranqüilo, sem ninguém me esperando lá fora, um treino de seresta, sem vizinho para me inibir e ninguém dentro do banheiro para me mandar parar.

Depois do banho, um pedaço de mamão apanhado naquele dia, o sonhado cafezinho com rosca, nos pés um chinelo bem surrado (aquele que já tem integral intimidade com os pés) e uma última olhada para o outro mundo: vamos assistir ao jornal na televisão para ver o que fizeram contra o leite, quais as novidades do Vasco e engolir as catástrofes que a câmera vai buscar no mundo inteiro para jogar dentro da casa da gente, mesmo na roça.

Terminou o jornal. Oito e meia. Como é tarde! Tratar de dormir e já. Sem cobertor (o clima é ótimo); sem condicionador de ar: janela aberta para uma mangueira enorme e depois da mangueira, árvores e capineiras; sem ruído,



porque barulho de sapo e de grilo nunca perturbou o silêncio; caminha fresca, lençolzinho de saco de ração, alvejadinho e um sono só: um corpo cansado, um sono de justo e... deixa roncar!

Diz o motorista do leite que sabe quando estou na fazenda, pelo ronco que vem do quarto lá de cima.

Eu, que não escuto ronco nenhum, piso fundo no acelerador do sono e só não lamento ser pequena a noite, porque o dia consegue ser melhor e mais lindo que ela.

E quando o galo começa a se preparar para sua "luta" diária, cantando de satisfação antecipadamente, a claridade entra pela janela aberta e a gente acorda com a impressão de que toda a natureza está nos desejando bom dia.

Então, para dar bom dia a tudo, vamos nos arrumar tal como deve ser.

Uma cueca bem larga. Isso é fundamental. Sem liberdade, não há felicidade. E liberdade, há de ser ampla, geral e irrestrita. Eliminemos, então, de cara, um dos mais incômodos arrochos da vida da cidade.

A calça é aquela bem surrada, macia. Camisa, tem que ter dois bolsos. Em um a indefectível cadernetinha para anotar os pedidos e a esferográfica respectiva; no outro, a chave do veículo e aquela vacina que não se pode esquecer.

Agora, as meias. Uma de uma cor e a outra de outra cor. Sim, porque não se há de pôr fora a meia que está boa só porque o seu par

está furado... Se na cidade elas têm que formar par certinho, na roça elas servem efetivamente para o que foram criadas: o conforto dos pés. E ninguém vai se preocupar com a cor de nossas meias: uma preta, outra verde; uma branca, outra vermelha; tudo vale. É também uma sensação de liberdade usar o que a gente quer e não o que os outros reparam.

Finalmente, as botinas. Ah, as botinas! amarelas, macias, recebem o pé da gente com o carinho de amante apaixonada. Sem agressão, sem aperto, sem maltrato. Éta botinha boa! Elástico para calçar melhor, bico redondo, sola impermeável para pisar no curral o dia inteiro sem passar umidade e está completa a indumentária.

Na cintura o porta-óculos com seu ocupante (bandido, a semana inteira no rosto da gente), um bom canivete (indispensável na roça), a correia larga para "apurar" a barriga com conforto.

O café da manhã: aquela rosca e o cafezinho bem ralo.

Agora, vamos andar!

Mergulhar de cabeça no mundo dos currais, bezerros, novilhas, vacas, leite, carroças, tratores, inseminações, plantio, silos, cercas, valetas, acidentes no trabalho, doenças de empregados, falhas ao serviço, enguiço de picadeiras de ração, nascimento de animais, enfim, um mundo todo diferente, gostoso, envolvente, igualzinho ao que está em nosso subconsciente e no qual a gente se mistura, se encontra e sente lá dentro o prazer de

conviver com ele e com ele se misturar.

E sobe morro, atravessa brejo, pula valeta, cerca animais, confere colocação de esterco, emenda cerca com arame arrebentado, dá uma raspada em um canto que ficou sujo no curral e mais um sem número de miudezas que tomam toda a manhã. Quando se dá conta é hora do almoço.

Que fome!

Vamos lá. Primeiro uma chacinha daquelas que se cata com todo cuidado, porque almoço na roça sem cachaça perde a graça. Depois, feijão, arroz, mandioca frita (éta, coisa boa!), couve à mineira, angu, um franguinho de qualquer modo (ensopado, frito, assado) e está formado aquele almoço que põe a gente a comer com ferocidade de lobo.

E o regime?

Ora, a essa altura eu já queimei mais de três quilos de gordura com tanta andança e tanto esforço. Deixa eu repor umas gordurinhas dessas já consumidas. Depois do almoço eu vou continuar andando e trabalhando. Eu queimo tudo de novo.

Além disso, na mesa, com visita ou sem ela, o assunto é só vaca,

leite, inseminação, ração, enfim, coisas que não deprimem, não maltratam, não machucam. Outros assuntos perturbam a digestão. São proibidos.

Na mesa os filhos, netos, genro, nora, aquele conjunto de gente que a gente ama e que eu chamo de "nossa ninhada". Bagunça de criança, gozação dos mais jovens, bronca das mães, tudo isso completa o conjunto que eu pedi a Deus e ele me concede com freqüência.

Fim do almoço. Doce? Não, aí é abuso demais. Cafuzinho só, com adoçante artificial.

Felizmente já alguém chama lá embaixo. É o homem do milho que quer combinar preço, é o tirador de valetas para combinar novo serviço.

E mais gente chega, impedindo de tirar um cochilo, mais ainda porque esse cochilo é um pecado em dia tão bonito. Não se admite dormir com a natureza inteira se escancarando de alegria à nossa espera.

Aí... Mas... acabou o espaço da crônica. E eu estou apenas na hora do almoço... Queria contar o resto do dia. Não dá, tem que parar. Deixar um resto de felicidade sem contar...



As aparições de Nossa Senhora. Um livro polêmico foi discutido na TV: serão verdadeiras as "aparições" de Maria? Lourdes, Fátima e outras "visões" de devotos de Maria são fraudes? A Igreja não afirma a veracidade das "aparições". Os videntes não são entretanto falsários. Há pessoas que têm visões e são capazes de crer que o que vêem é real. Acreditam. Não estão mentindo. Mas a presença real de Maria nessas "aparições" não é uma verdade de fé e a Igreja não o afirma como tal.

Ser tolerante não significa ser bobo. Tolerância não é sinônimo de tolice. Eis uma lúcida reflexão sobre essa virtude um tanto rara quando o tema é política ou religião.

A arte da tolerância

Frei Betto
Escritor

Tolerância é a capacidade de aceitar o diferente. Não confundir com o divergente. Intolerância é não suportar a pluralidade de opiniões e posições, crenças e idéias, como se a verdade fizesse morada em mim e todos devessem buscar a luz sob o meu teto.

Conta a parábola que um pregador reuniu milhares de chineses para pregar-lhes a verdade. Ao final do sermão, em vez de aplausos houve um grande silêncio. Até que uma voz se levantou ao fundo: "O que o senhor disse não é a verdade". O pregador indignou-se: "Como não é verdade? Eu anunciei o que foi revelado pelos céus!" O objetante retrucou: "Existem três verdades. A do senhor, a minha e a verdade verdadeira. Nós dois, juntos, devemos buscar a verdade verdadeira".

Só os intolerantes se julgam donos da verdade. Assim ocorre

com Milosevic, ao manter-se intransigente e não admitir os direitos dos kosovares, e com Clinton, ao decidir que seus mísseis são o melhor argumento para convencer o mundo de que a Casa Branca tem sempre razão.

Todo intolerante é um inseguro. Por isso, aferra-se a seus caprichos como um naufrago à tábua que o mantém à tona. Ele não é capaz de ver o outro como outro. A seus olhos, o outro é um concorrente, um inimigo ou, como diz um personagem de Sartre, "o inferno". Ou um potencial discípulo que deve acatar docilmente suas opiniões.

O tolerante evita colonizar a consciência alheia. Admite que, da verdade, ele apreende apenas alguns fragmentos, e que ela só pode ser alcançada por esforço comunitário. Reconhece no outro a alteri-

dade radical, singular, que jamais deve ser negada.

Pode-se aplicar ao tolerante o perfil descrito por São Paulo no Hino ao Amor da 1ª carta aos Coríntios (13, 4-7): "é paciente e prestativo, não é invejoso nem ostenta, não se incha de orgulho e nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita nem guarda rancor. Não se alegra com a injustiça e se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."

Ser tolerante não significa ser bobo. Tolerância não é sinônimo de tolice.

O tolerante não desata tempestade em copo d'água, não troca o atacado pelo varejo, não gasta saliva com quem não vale um cuspe. Ele jamais cede quando se trata de defender a justiça, a dignidade e a honra, bem como o direito de cada um ter seus princípios e agir conforme sua consciência, desde que isso não resulte em opressão ou

- *Conhecemos alguns daqueles famosos "donos da verdade"?*
- *Até que ponto somos tolerantes com os que pensam diferentemente de nós? E com os que professam outras religiões?*
- *Se atuamos ou votamos em partidos diferentes é possível conviver, somar e buscar juntos o melhor para o bem comum? O que tem acontecido na realidade, em nossa cidade?*
- *Se existem divisões, o que podemos fazer para construir mais união, buscando a unidade na diversidade?*



Um trote genial. O escritor inglês Noel Coward, falecido em 1973, mandou uma vez um telegrama anônimo a vinte banqueiros, dizendo: "Tudo foi descoberto. Fuja enquanto é tempo". Resultado: dezessete dos vinte banqueiros que receberam o telegrama embarcaram às pressas para o exterior...

Das intolerâncias, a mais repugnante é a religiosa, pois divide o que Deus uniu.

exclusão, humilhação ou morte.

Das intolerâncias, a mais repugnante é a religiosa, pois divide o que Deus uniu. Quem somos nós para, em nome de Deus, decretar se esses são os eleitos e, aqueles, os condenados?

Só o amor torna um coração verdadeiramente tolerante. Porque quem ama não contabiliza ações e reações do ser amado e faz da sua vida um gesto de doação.

Frei Betto é escritor, autor de Entre todos os homens (romance sobre Jesus), A Obra do Artista - uma visão holística do Universo (ensaio sobre astrofísica e física quântica), e Alucinado Som de Tuba (romance sobre crianças de rua) - todos editados pela Ática - entre outros livros.

Para dialogar, não preciso aceitar o que o outro vive ou prega. Respeito-o e caminho com ele, na busca da verdade.

De coração para coração: Igreja dividida é roda quadrada?

Pe. Marcelo Barros, OSB
Monge beneditino e escritor

Não existe "roda quadrada", mas Igreja dividida, sim. O termo "Igreja" significa "assembléia reunida". Deveria ser o grupo que superou as divisões e dá o testemunho de unidade que Deus quer para toda a humanidade.

Entretanto, as Igrejas nasceram para a unidade e cresceram na divisão. Têm vocação para ser Igreja, mas tendem a se comportar como seitas.

Cada ano, muitas igrejas celebram a festa de Pentecostes, herança da tradição judaica. Nessa festa, os judeus lembram que Deus nos deu a Lei como sinal de aliança com o povo. Após a morte de Jesus, quando, em Jerusalém, celebrava-se Pentecostes, o Espírito de Deus desceu sobre a comunidade dos discípulos para espalhar-se pelo mundo e manifestar-se em todas as

culturas como fonte de paz e unidade. Por isso, o povo faz dessa celebração a "Festa do Divino", nome dado ao Espírito Santo.

Jesus mandou os discípulos esperarem, reunidos em oração, a vinda do Espírito que Ele prometeu (Cf. At 1, 12). Os cristãos guardaram o costume da "novena": nove dias de oração e comunhão, esperando a festa. Assim nasceu a "Folia do Divino". Há 100 anos, muitas Igrejas dedicam esses dias à "Semana de oração pela unidade dos cristãos".

Hoje, a questão da unidade vai além das Igrejas. Há poucos meses, em Londres, fanáticos explodiram uma boate homossexual e também ameaçaram a comunidade judaica. A Ex-Iugoslávia ainda sofre as consequências de uma guerra por motivos racistas. Na África,

matam-se seres humanos por serem de tal etnia, ou pertencerem a tal religião. É urgente o respeito entre as diferentes culturas e a compreensão e diálogo entre as religiões. A unidade entre as Igrejas cristãs pode favorecer esse objetivo.

Há cristãos que se vêem como os únicos verdadeiros discípulos de Jesus. Não querem "misturar-se" com os pecadores. Outros pensam que as diferenças são imensas e o entendimento é impossível. Muitos se perguntam como orar por algo do qual têm receio. Paul Couturier, apóstolo da paz, propôs: *"Oremos pela unidade que Deus quiser e pelos meios que Ele preferir".*

As Igrejas têm em comum a fé em Deus como Jesus nos revelou. Todas aceitam o Credo Apostólico e reconhecem na Bíblia a escritura da revelação de Deus.

Paulo escreveu: "Há uma só fé, um só Senhor, um só batismo..." (Ef 4, 1 ss). A divisão acontece por causa das diferentes interpretações da fé, por não se compreender a cultura do outro e por questões de poder. A meta não é a uniformização. É bom que haja comunidades diferentes, cada uma com características próprias, em comunhão com as outras "Igrejas-irmãs".

- ❖ Há alguma coisa que podemos fazer na nossa cidade para aproximar os cristãos divididos em diferentes confissões religiosas?
- ❖ Temos experimentado realizar celebrações ecumênicas? E ações sociais ou assistenciais conjuntas? O que nos aproxima, o que nos afasta?
- ❖ Como vemos e como nos relacionamos com as pessoas religiosas não-cristãs, já que somos seguidores de Jesus, um judeu fiel à sua fé até a morte?
- ❖ O que Deus deve estar pensando sobre as nossas divisões?...

Para dialogar, não preciso aceitar o que o outro vive ou prega. Respeito-o e caminho com ele, na busca da verdade. Esse diálogo deve existir no plano intra-eclesiástico (dentro da mesma Igreja), no nível intereclesiástico (entre igrejas diferentes) e no inter-religioso e intercultural (macro-ecumenismo).

Para ser verdadeira, a unidade se baseia na verdade. A abertura ecumênica supõe a crítica e a opção pela justiça. As Igrejas e religiões avançam no caminho da unidade, através do serviço ao povo. Católicos e pentecostais, cristãos e judeus, espíritas e grupos do candomblé aprofundam o testemunho da unidade, apoando e participando juntos de lutas sociais, como a dos sem-terra, sem-teto e a defesa do meio ambiente.

Atualmente, na ex-Iugoslávia, cristãos de diferentes confissões trabalham juntos pela paz e em defesa das vítimas da guerra. No Brasil, o Domingo de Pentecostes deste ano foi dia de encontro ecumênico e festivo. Muitas celebrações começaram com um cântico das comunidades:

"Nós estamos aqui reunidos, como estavam em Jerusalém, pois só quando estamos unidos, o Espírito Santo nos vem."

A Bíblia, pela boca dos profetas, condena as injustiças praticadas por aqueles que proíbem aos pobres e aos camponeses o acesso à terra, escravizando-os e impondo-lhes miséria, violência e injustiça.

Luta pela terra, luta pela vida

D. Ladislau Biernaski
Bispo Auxiliar de Curitiba
Vice-presidente da CPT Nacional

A terra é um dom de Deus, oferecido a todos os seus filhos e filhas. Por isso, quando ela é negada sob qualquer forma de posse absoluta e arbitrária, comete-se um grande pecado contra a vontade de Deus. A Bíblia, pela boca dos profetas, condena as injustiças praticadas por aqueles que proíbem aos pobres e aos camponeses o acesso à terra, escravizando-os e impondo-lhes miséria, violência e injustiça.

O Jubileu do Ano 2000 chama toda a sociedade à conversão. Isto significa restabelecer o direito dos pobres e marginalizados, de forma a que possam, também eles, gozar da terra e dos seus bens, bens que o Senhor deu a todos e a cada um dos seus filhos e filhas.

Assim, o processo de concentração da propriedade é julgado um escândalo e contrário à vontade de Deus, porque nega a grande parte da Humanidade o benefício dos frutos da terra, gerando desigualdades e injustiças que criam conflitos sociais sérios, como os que ocorrem neste momento, em várias partes do país.

Como vice-presidente da Comissão Pastoral da Terra, acompanhando há muitos anos a luta dos pobres do campo no Brasil pelo seu direito de acesso à terra, quero denunciar a situação de violência e desrespeito aos presos, vários deles feridos durante os despejos realizados pela polícia, de madrugada, com humilhação e por vezes com violência. São famílias desintegra-

das, mulheres e crianças marcadas para sempre com a imagem da truculência e da impassividade dos executores dos despejos. Segundo dados da CPT, somente no Paraná foram mais de 200 trabalhadores presos desde 1994, 6 torturados, 15 assassinados, 30 sofreram atentados, 41 foram ameaçados. Esta é a face mais terrível da miséria e da violência que estamos vivendo nos últimos anos. Toda esta violência objetiva claramente o desmantelamento da organização dos trabalhadores e a criação de um clima de hostilidade contra os movimentos populares especialmente contra o MST.

Não podemos aceitar esta estratégia. Queremos o fim da violência e dos conflitos, e para isso acreditamos que a única saída está na Reforma Agrária, ampla e integral, que garanta a democratização da terra e as condições necessárias para que os camponeses nela vivam com dignidade, produzindo alimentos em abundância.

Estamos chocados com os depoimentos de vários trabalhadores: crianças, jovens, idosos, tratados com violência, machucados, torturados física e psicologicamente, espancados, humilhados... A evidência da gravidade destes depoimentos é o sinal mais claro da urgência de uma solução para estes problemas.

Não podemos aceitar que o Poder Executivo e o Judiciário, que constitucionalmente devem ser instâncias de garantia dos direitos dos cidadãos, sejam parciais e, infe-



Nos últimos cinco anos foram assassinados quinze lavradores sem-terra no Paraná. Outros foram torturados e trinta sofreram atentados.

lizmente, indiferentes à imensa dívida social da Reforma Agrária.

É frustrante para os que lutam pelo bem comum ouvir de integrantes das bancadas ruralistas, estadual e federal, falarem a favor da Reforma Agrária, sem que jamais tenham apresentado projetos concretos para que a mesma pudesse ser efetivada. Se não fosse a pressão dos movimentos populares e em especial do MST, a Reforma Agrária não passaria de uma lei morta constante da nossa constituição.

Que a busca da paz e da solidariedade seja sempre uma exigência de toda a sociedade brasileira, que não pode ficar alheia à miséria e agonia de seu povo

Não basta dizer que uma propriedade é produtiva para ser imune à desapropriação. Segundo a Constituição, é necessário que também cumpra, concomitantemente, a função social.

Que a busca da paz e da solidariedade seja sempre uma exigência de toda a sociedade brasileira, que não pode ficar alheia à miséria e agonia de seu povo. Para isso, a Reforma Agrária é um instrumento para restituir à agricultu-

ra e aos camponeses o seu justo valor como base de uma sã economia, ancorada nos valores evangélicos e justificada politicamente pela construção de uma Nação soberana, democrática e socialmente justa.

Concluo com uma citação pertinente: "Nos lugares onde subistem condições iníquas e de pobreza, a Reforma Agrária representa não só um instrumento de justiça distributiva e de crescimento econômico, mas também um ato de grande sabedoria política. Ela constitui a única resposta concretamente eficaz e possível, a resposta da lei ao problema da ocupação das terras." ("Para uma melhor distribuição da terra - O desafio da reforma agrária", nº 44, documento pontifício de 1997).

Extraído de O GLOBO



"Se você quer que as pessoas o considerem muito inteligente, simplesmente concorde com elas". (Provérbio judaico).

Tome nota: já não há mais dúvida.



**E a mais traíçoeira:
começa com o "beber socialmente" e termina
em dependência degradante... sem retorno.**

Recrudece a violência no campo

O número de camponeses assassinados aumentou, a impunidade no campo beneficia os promotores de atos violentos e após 111 anos da abolição da escravatura ainda existem casos de trabalho escravo na área rural, sustenta o relatório anual da Comissão Pastoral da Terra (CPT), recentemente divulgado.

Entre janeiro e dezembro de 1998 foram assassinadas 41 pessoas no campo, entre trabalhadores rurais, sem-terra e sindicalistas, o que significa um recrudescimento dos casos de morte, uma vez que em 1997 foram computadas 30 vítimas.

Segundo Malu Maranhão, do secretariado executivo da CPT, o número de homicídios cresceu em 1998 e os casos de trabalho escravo ficaram praticamente estacionários nos mesmos índices verificados no ano anterior.

A CPT contabilizou 841 pessoas que se encontravam em situação de escravidão em fazendas e minas, "libertadas" pelas autoridades em 1998. No ano anterior foram "libertadas" 872 pessoas.

Esse quadro de violência no campo e de condições desumanas de trabalho está relacionado com a impunidade, que beneficia os mandantes de assassinatos e, em menor medida, os seus executores. A CPT registrou a abertura de apenas 86 processos dos 1.158 homicídios verificados na última década. Mas

daquele total, somente 13 mandantes foram processados.

Embora a CPT tenha registrado um aumento no número de assassinatos em 1998, comparado a 1997, a violência no campo vem diminuindo levemente, se comparado com a média de 50 assassinatos verificados no início dos anos 90.

"O governo não pode reconhecer que aumentou a violência no campo porque seria reconhecer o fracasso de sua política de reforma agrária.

O número de homicídios teve um incremento devido ao número crescente de camponeses dispostos a lutarem por um pedaço de terra", argumenta Maranhão.

Apesar da abolição da escravatura ser coisa do século passado, ainda existem milhares de pessoas escravizadas em fazendas, onde são mantidas sem documentos, sob ameaças e recebendo em troca do trabalho papéis sem qualquer valor comercial, a não ser no comércio mantido pelo próprio patrão.

O número de pessoas em regime de escravidão e que foram libertadas no ano passado pelas autoridades chegou a 872, em 1998, contra 841, em 1997. Só no Rio de Janeiro foi detectada, no início deste ano, em fazenda a 300 km da capital, trabalho escravo envolvendo 700 famílias, que estavam confinadas sem nada receber em troca.

(Andres Cañizales)

Algo como a assustadora felicidade artificial descrita no livro "Admirável mundo novo", de Aldous Huxley.

"Admirável jornalismo novo"

Nos últimos anos, o jornalismo tem passado por muitas transformações.

Metaforicamente, é possível dizer que o jornalismo atual é mais colorido, leve, melodioso, amigo (quase íntimo), relaxante. Bem diferente do chamado jornalismo tradicional: sério, tenso, dramático, pessado, distante, lembrando mais o preto e branco que o colorido.

Os otimistas podem chamar o jornalismo atual de "light", mas os críticos já o estão definindo como "jornalismo Disney". Atualmente, existe uma grande preocupação em ser agradável, em fazer o leitor/telespectador/ouvinte se sentir bem. Esta tendência é mais forte no telejornalismo, principalmente o da Rede Globo, e nas revistas semanais, como a Época, dessa mesma rede.

O ponto negativo dessa mudança está na escolha das notícias e no enfoque dado. O nascimento da filha da apresentadora passa a ser

considerado mais importante que a privatização da Telebrás. As amenidades passam a ocupar um lugar privilegiado na mídia. Com isso, são valorizadas as "notícias-piada", as "notícias-aventura", as "notícias da alta sociedade", as notícias do estilo "acredite se quiser". O jornalismo passa a lembrar o programa Fantástico.

A traição da macaca Capitu é dada com destaque, o público se diverte em ver o desespero do macaco Eliseu. As notícias também passam a ser mais encenadas. O jogador de futebol chamado Rui Barbosa coloca terno e gravata sobre o uniforme de treino e imita a personalidade histórica de mesmo nome. Muitas notícias terminam com várias pessoas tomando atitudes combinadas.

Um ponto interessante do atual jornalismo é o estilo das entrevistas, que mais parecem com um bate-papo. O entrevistador não se limita a fazer perguntas: interfere

Jairo Faria Mendes

É como se estivéssemos chegando a um estágio econômico-político-social que garante a felicidade geral, em que não há por que aborrecer as pessoas com discussões "chatas"

e opina. Algumas vezes o destaque é o jornalista, e não o entrevistado; por isso, até mesmo a namorada do Ronaldinho pode virar repórter esportiva.

Os apresentadores estão quase sempre sorridentes, ou, no caso de notícias trágicas, mostram-se claramente indignados. E surgem as musas do telejornalismo.

As revistas semanais também usam de muitas estratégias para se tornarem mais atraentes. Apresentam projetos gráficos cada vez mais sofisticados. Nas capas, geralmente, são feitas criativas montagens. Títulos e textos são irônicos, dinâmicos, cheios de metáforas, com muito ritmo.

No entanto, na maioria das vezes elas ficam devendo o principal: o aprofundamento da notícia e

- ❖ *O que há de bom e o que é pior na TV? Vamos discutir um pouco sobre o que presta e o que não presta no rádio, imprensa escrita, televisão? O que há de bom é bem aproveitado?*
- ❖ *O noticiário dos jornais e das revistas semanais costuma ser lido e discutido nas escolas? Serve de apoio às aulas de linguagem, de história e geografia? Deveria?*

sua análise. Os temas amenos também ganham cada vez mais espaço. Tendência que parece estar mais forte depois do surgimento da revista que se intitula como a "mais moderna e mais objetiva".

O jornalismo tem evoluído esteticamente. No entanto, é preocupante a priorização das amenidades na escolha das pautas. Num momento em que o mundo passa por profundas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais quase nada é discutido e analisado. É como se estivéssemos chegando a um estágio econômico-político-social que garanta a felicidade geral, em que não há por que aborrecer as pessoas com discussões "chatas".

Algo como a assustadora felicidade artificial descrita no livro "Admirável mundo novo", de Aldous Huxley.

Ainda podemos encontrar alguns conteúdos interessantes no jornalismo, principalmente nos meios impressos. Mas gostaríamos de que a evolução que o jornalismo atravessa em seu aspecto estético também ocorresse com relação à qualidade da informação: objetividade, isenção, profundidade na análise dos fatos.

Fonte: Observatório da Imprensa.

Sua Melhor companhia



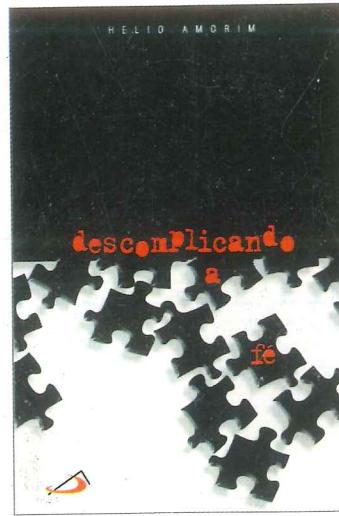
fato
e razão

Leia, assine, dê de presente uma assinatura

OURO: 6 números - 15 reais - PRATA: 4 números - 10 reais

Envie nomes e endereços de assinantes com o seu cheque para o
Movimento Familiar Cristão - Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
CEP: 30.160-922 - Belo Horizonte - MG - Tel.(031) 273-8842

LIVROS



Hélio Amorim

Descomplicando a fé

PAULUS Editora

Pedidos

Paulus Editora
Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo SP
Tel. (011) 810-7002

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-922 Belo Horizonte MG
Tel. (031) 273-8842

À venda nas Livrarias Paulus

*Peça também à Livraria do MFC os livros
indispensáveis para a preparação ao
casamento:*

O ASSUNTO É CASAMENTO
Para os agentes de pastoral
8^a edição

AMOR E CASAMENTO
Para os que vão se casar
16^a edição

Este livro pretende ajudar a compreender a essência da fé dos cristãos, que ao longo dos séculos se foi complicando por uma profusão de leis canônicas, regras, orientações pastorais, condenações, normas, questões dogmáticas, preceitos, proibições e eruditas interpretações desencontradas de textos bíblicos. O resultado é a atual dificuldade que sentem muitos cristãos, especialmente os pais, para transmitir aos outros, e aos próprios filhos, a essência da sua fé.